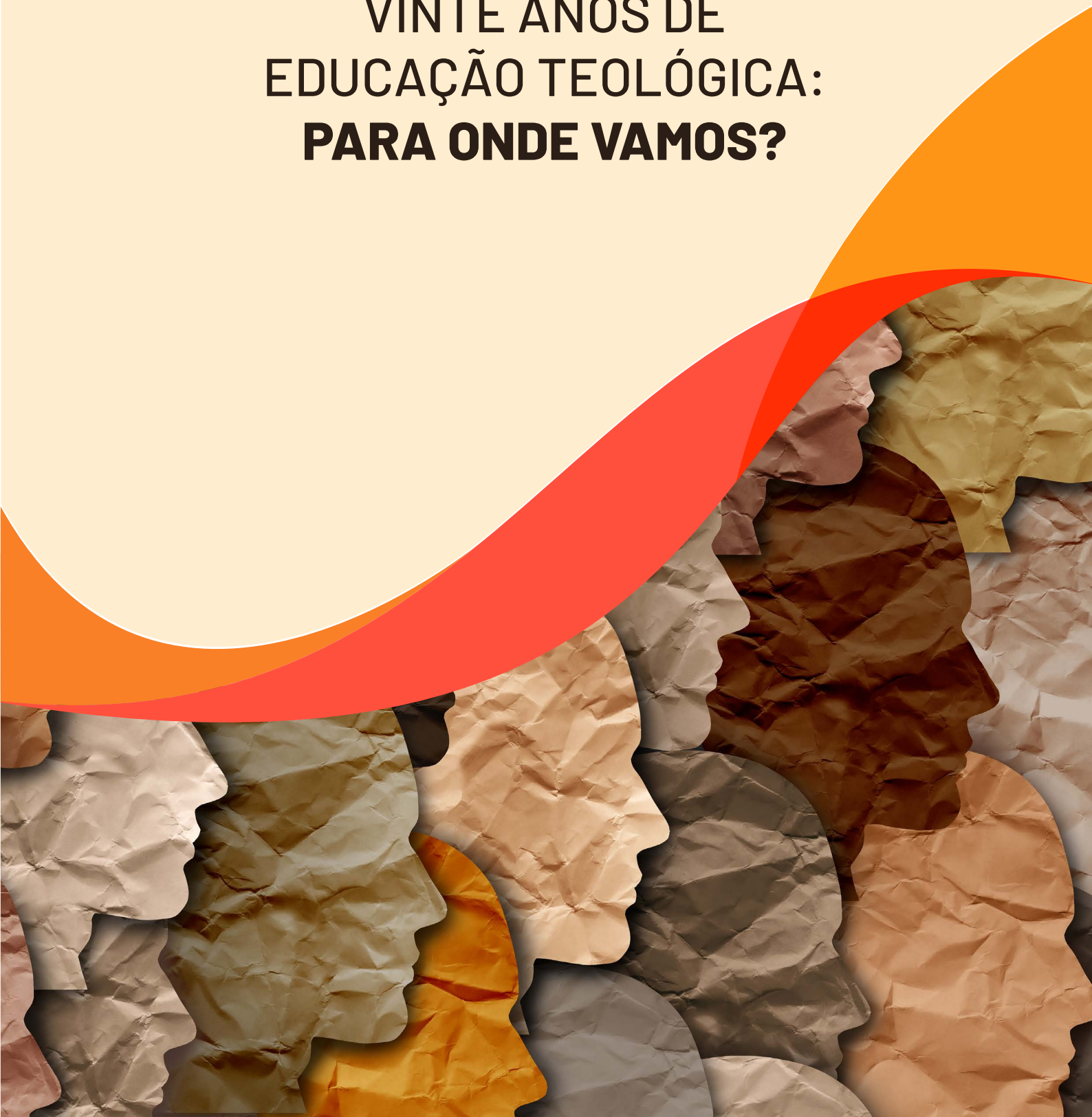


Western Theological Seminary

VINTE ANOS DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA: PARA ONDE VAMOS?



M581v Mildenberg, Emerson Cláudio
 Vinte anos de educação teológica: para onde vamos? /
Emerson Cláudio Mildenberg. – Londrina: EdUniFil, 2022.
 pdf.

ISBN 978-65-87703-14-5

1. Teologia. 2. Ministério Pastoral. I. Título.

CDD 200

Bibliotecária responsável Graziela Cervelin CRB9/1834

EMERSON CLÁUDIO MILDENBERG

**VINTE ANOS DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA:
PARA ONDE VAMOS?**

Londrina

DEDICATÓRIA

À minha esposa Rosilene dos Santos Mildenberg, aquela que se alegra comigo nas conquistas, está presente nas privações e que me impulsiona frente aos desafios. Você é a nota musical da mais perfeita sintonia.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão a Deus pelo Seu propósito em minha vida e ministério.

A esposa e filhos pelo privilégio que me outorgam de tê-los (a) comigo e por serem meu porto seguro.

Ao Chanceler da UniFil, Prof. Dr. Osni Ferreira, por tudo que aprendi por meio de sua jornada acadêmica.

Ao reitor Dr. Eleazar Ferreira, por sua liderança, visão educacional e competência em gerir uma Instituição de Ensino, de respeito e história.

Ao Prof. Dr. Mário Antônio da Silva, por sua experiência, idoneidade e enorme contribuição para a educação teológica em todos esses anos de academia.

Ao Prof. Dr. Silas Barbosa Dias, pela orientação e pelo vasto conhecimento teológico e ministerial compartilhado em muitos anos que nos conhecemos. Um catedrático, docente, educador, preceptor, mentor e companheiro sem igual. A academia necessita de mais gigantes como o senhor.

Aos professores (as) do Western que nutridos pelo princípio de dar, contribuíram com ensino e compartilhamento de experiências enriquecedoras para o aprendizado de cada estudante.

Aos colegas de turma, pela convivência e estudos compartilhados.

Aos entrevistados, que fizeram toda a diferença para que a pesquisa se concretizasse.

Deus seja louvado!

MILDENBERG, Emerson Cláudio. **Vinte anos de educação teológica: para onde vamos?** 2021. 91 f. Tese. (Doutorado em Ministério Pastoral) – Seminário Teológico Filadélfia, Londrina - PR e Western Theological Seminary, Holland, Michigan, EUA, 2021.

RESUMO

A presente pesquisa, buscou realizar um resgate histórico a partir da observância prática sobre o tema Educação Teológica e os respectivos desafios que estão por vir. O tema Educação Teológica traz consigo o critério de repensar tal mote no contemporâneo, pelo fato de apontar para a área da Teologia Prática. O procedimento de ensinar as doutrinas de Jesus Cristo, necessita sempre ser revisado e atualizado para uma melhor precisão histórica e conceitual, bem como evitar os riscos de contradições ou equívocos acerca do assunto. A metodologia adotada neste trabalho consistiu-se em uma pesquisa qualitativa por meio de observação, entrevistas, uso de questionários, junto à pessoas, selecionadas para essa demanda. No primeiro capítulo realiza-se uma contextualização sobre autores e suas respectivas obras aludindo como referencial teórico Edward Farley, Daniel Schipane e Bernard Lonergan como pilares principais do presente estudo. No segundo capítulo teremos a observação dos instrumentos de pesquisa usados no presente trabalho e seus correlatos como resultado dos envolvidos nessa pesquisa. O último capítulo, apresenta uma proposta de intervenção para o aprimoramento da educação cristã teológica e também direciona a uma práxis para com o cotidiano ministerial.

Palavras-chave: Ministério Pastoral. Educação Teológica – Desafios. Prática ministerial.

MILDENBERG, Emerson Cláudio. **Twenty years of theological education: where are we going?** 2021. 91 f. Tese. (Doutorado em Ministério Pastoral) – Seminário Teológico Filadélfia, Londrina - PR e Western Theological Seminary, Holland, Michigan, EUA, 2021.

ABSTRACT

The present research, sought to carry out a historical rescue from the practical observance on the theme of Theological Education and the respective challenges that are to come. The Theological Education theme brings with it the criterion of rethinking such a motto in the contemporary, due to the fact that it points to the area of Practical Theology. The procedure of teaching the doctrines of Jesus Christ, always needs to be revised and updated for better historical and conceptual precision, as well as to avoid the risks of contradictions or mistakes on the subject. The methodology adopted in this work consisted of a qualitative research through observation, interviews, use of questionnaires, with people, selected for this demand. In the first chapter, a contextualization of authors and their respective works is carried out, referring to Edward Farley, Daniel Schipane and Bernard Lonergan as the main pillars of the present study. In the second chapter, we will observe the research instruments used in the present work and their correlates as a result of those involved in this research. The last chapter presents an intervention proposal for the improvement of Christian theological education and also directs to a praxis towards the ministerial daily life.

Keywords: Pastoral Ministry. Theological Education - Challenges. Ministerial practice.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1	A EDUCAÇÃO PARA O HOMEM	14
2.2	A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA	19
2.3	BERLIN	27
2.4	O PAPEL DO ALUNO E DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO	43
2.5	A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E SUA SIGNIFICÂNCIA	44
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E TÉCNICOS	47
3.1	A NATUREZA DA PESQUISA	47
3.2	HISTÓRIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO FILADÉLFIA DE LONDRINA	52
3.3	SUJEITOS DA PESQUISA	57
3.4	INSTRUMENTO DA PESQUISA	58
3.5	COLETA DE DADOS	58
3.6	PARTICIPANTES DA PESQUISA (EX ALUNOS)	59
3.6.1	Entrevista 1	60
3.6.2	Entrevista 2	60
3.6.3	Entrevista 3	61
3.6.4	Entrevista 4	61
3.6.5	Entrevista 5	62
3.6.6	Entrevista 6	62
3.6.7	Entrevista 7	63
3.6.8	Entrevista 8	64
3.6.9	Entrevista 9	64
3.6.10	Entrevista 10	65
3.6.11	Entrevista 11	65
3.6.12	Entrevista 12	66
3.6.13	Entrevista 13	67
3.6.14	Entrevista 14	67
3.6.15	Entrevista 15	68
3.6.16	Roteiro de perguntas – ex alunos	69

3.7 PARTICIPANTES DA PESQUISA (EX PROFESSORES E PROFESSORES ATUAIS)	69
3.7.1 Entrevista 1	70
3.7.2 Entrevista 2	70
3.7.3 Entrevista 3	71
3.7.4 Roteiro de perguntas – ex professores e professores atuais	72
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO	73
4.1 ACADÊMICOS	74
4.2 PRÁTICOS DE INTERVENÇÃO COMUM.....	75
4.3 ECLESIÁSTICOS PASTORAIS.....	76
4.4 CONCLUSÕES SOBRE A PESQUISA	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS.....	87

1 INTRODUÇÃO

Uma das finalidades da Educação Teológica é sobre capacitar homens e mulheres que sentem ter um “chamamento” por parte de Deus com vistas ao serviço ministerial. Essa capacitação deve resultar em pessoas aptas para as tarefas pastorais e educativas implicadas na formação de terceiros para o cumprimento de sua missão ministerial em seu entorno, bem como além de fronteiras. Por meio de relacionamentos pessoais, evangelização, aconselhamento, plantação de Igrejas e serviços práticos, é que a educação teológica possui seu propósito.

A luz de tais objetivos, a pedagogia teológica deve ter por suporte principal as Escrituras Sagradas em seus aspectos doutrinários e práticos, para que não fiquem apenas no âmbito acadêmico, mas alcance de modo prático a sociedade hodierna, cuja qual, clama por uma espiritualidade íntima com Deus. Para tal, possuir familiaridade com a Bíblia Sagrada a título de expô-la de maneira digna e sem alegorias, é de substancial importância.

A educação teológica deve contar com equilíbrio e prudência pelos docentes e por aqueles que receberam tal missão, transmitir conhecimento teológico a corações dispostos ao entendimento. É uma tarefa intelectual, sem nunca, entretanto deixar a práxis para depois. Teoria e conceitualismo aliena o educando, sem, porém, revelar os mistérios intrínsecos nas entrelinhas de textos sagrados. A educação teológica precisa ser entendida como espiritual no sentido de dependência da presença do Espírito Santo, bem como, deve ser entendida como comunitária por demandar a comunhão dos escolhidos de Deus tendo por propósito a missão de educar para o reino.

Isto posto, precisamos lembrar que a crescente informalização da sociedade, como consequência do irrompimento demográfico, aceleração tecnológica e pandemônio ideológico tem ocasionado o aumento da improvisação, marginalidade e luta desesperada pela sobrevivência da educação e espiritualidade. Disso levantamos uma indagação: Se prática pedagógica no campo da formação teológica tem sido periférica, qual a perspectiva da educação teológica para o futuro? Temos por objetivos nesse aspecto, discorrer sobre os vinte anos de educação teológica pelo Centro Universitário Filadélfia de Londrina – UniFil e as “metamorfoses” verificadas no decorrer desse tempo.

Em seu livro, “Between Athens and Berlin” (1993), David H. Kelsey afirma

que a década de 1980 (séc. XX) produziu uma grande quantidade de literatura sem precedentes e um vigoroso debate sobre o propósito e a natureza da educação teológica na América do Norte. Examinando e sondando as principais posições neste debate, David H. Kelsey argumenta que as diferenças centrais entre várias vozes na educação teológica emergem mais claramente quando vistas à luz de "Atenas" e "Berlim". Para Kelsey, "Atenas" e "Berlim" representam dois modelos muito diferentes - e, em última análise, irreconciliáveis - de educação excelente. No caso de fato, diz Kelsey, essa educação teológica moderna norte-americana, por razões históricas, está comprometida com ambos os modelos, resultando em contínuas tensões e lutas. Kelsey mostra como uma variedade de pensadores significativos, entre eles Edward Farley, que se encaixa em sua estrutura Atenas-Berlim.

E é neste cenário que Edward Farley contribuiu tenazmente sugerindo respostas a tal crise. Farley nasceu e foi criado em Louisville, Kentucky. Ele se formou no Center College e no Louisville Presbyterian Theological Seminary antes de se matricular no Union Theological Seminary. Ele obteve o doutorado em teologia filosófica em 1957 pela Universidade de Columbia. Como renomado teólogo, filósofo e excelente professor, Farley causou um profundo impacto em educadores com uma leitura e propostas à frente de seu tempo. Como compositor, músico de jazz profissional, estudante de literatura mundial e naturalista amador habilidoso, Farley foi uma das melhores mentes e um dos líderes mais eruditos de sua geração de ministros presbiterianos.

Nessa mesma esteira, entretanto com um viés transcendente, trago para compor a pesquisa Daniel Schipani. Daniel S. Schipani nasceu e foi criado na Argentina. Ele é doutor em psicologia pela Universidad Católica Argentina e doutor em Teologia Prática pelo Seminário Teológico de Princeton. Ele é atualmente Professor de Cuidado Pastoral e Aconselhamento no Seminário Bíblico Menonita Anabatista em Elkhart, Indiana. Ministro ordenado da Igreja Menonita dos Estados Unidos, ele também atua como psicoterapeuta e conselheiro pastoral (voluntário) em um centro de saúde comunitário local para pessoas economicamente vulneráveis, especialmente imigrantes da América Latina. Seu trabalho acadêmico inclui supervisão clínica de alunos em capelania e aconselhamento pastoral e espiritual.

Para Schipani, a educação cristã é compreendida sob a "perspectiva do reino de Deus" transcendente ao âmbito da comunidade eclesial. Esta educação não

está atrelada ao compromisso restrito a denominação e nem por outros fatores que venham limitá-la. A educação cristã na perspectiva do reino de Deus, tendo como base o evangelho, tem condições de mediar e analisar de forma crítica da reflexão e da prática educacional que supera todas as expectativas de uma determinada Igreja ou comunidade local. Este processo está relacionado com a mediação crítica que passa por uma nova relação entre as disciplinas que somam a educação cristã nos âmbitos eclesiais e sociais. Portanto a tarefa formativa da Igreja é de associar seus membros para participarem da vida e dos compromissos da sua comunidade, que não pode ser dissociado da visão e atuação pedagógica dos que professam a fé cristã numa sociedade mais ampla. É um dos objetivos manterem estas duas dimensões interligadas na análise. Sua ótica no que concerne ao trabalho educacional e em seus escritos, as grandes metáforas norteadoras da educação cristã eram: reino de Deus, humanização, vida e missão. As igrejas cristãs descreviam sua identidade a partir da missão e do serviço ao Deus que reina, que dá vida, que humaniza o ser humano à sua imagem. A transformação individual e social era esperada e servia como fundamento para o trabalho eclesialístico, para o envolvimento social e político, e para a renovação da teologia. A educação cristã era vista como ministério indispensável e relevante para a vida da comunidade, seja através da (hoje, quase extinta) escola dominical, em busca de renovação, seja através dos pequenos grupos, seja através das comunidades eclesiais de base.

Para Schipani um dos grandes desafios para o/a educador (a) é levar o educando a apreender de si mesmo como organismo e como pessoa; aprendizado de relações responsáveis com os demais em um equilíbrio entre a dependência e independência; desenvolvimento de interesses e aptidões no conhecimento da realidade, e progressiva delimitação vocacional em função dos valores da comunidade; aprendizagem acerca da organização institucional e das tendências da época e da cultura, etc. Tudo isso começa bem cedo, desde sua adolescência. Há uma ressalva, porém, para Schipani, a saber, suas recomendações só podem lograr êxito se o/a educador/a tenha experimentado por si tornando-se apto a repartir tal experiência com outras pessoas, procurando levá-las a se tornarem autônomas. Não “se trata de treinar dirigentes e professores para que sejam bons psicólogos, mas ajudá-los a funcionar mais eficazmente como educadores em suas funções específicas”.

De fato, muitas mudanças são constatadas em vinte de anos de educação

teológica na UniFil. Uma das grandes mudanças, transforma-se em amplo desafio no mundo acadêmico atual e em seu desenvolvimento consecutivo. Contudo, sob o prisma de probabilidades de enfrentamento de tais desafios, proponho a apreciação de um dos grandes nomes do século XX na educação teológica – Bernard Lonergan.

Em sua obra “Method in Theology” (Método em Teologia, editora É Realizações, 2013), é obra de alguém que possui “sexto sentido”, por assim dizer no quesito educação teológica.

Lonergan nasceu em 1904, em Ontário, no Canadá; o pai era engenheiro de ascendência irlandesa e a família da mãe era inglesa. Aos treze anos, trocou a casa pela Faculdade de Loyola, uma escola jesuíta em Montreal, e de lá entrou para o noviciado na cidade de Guelph.

Lonergan, em seus estudos e pesquisas, desenvolveu ambições intelectuais exemplificadas e exames do ponto de vista da economia, psicologia e do progresso, com vistas a encontrar a síntese superior de tudo isso no Corpo Místico de Cristo no Novo Testamento, que para Lonergan, é desde o apóstolo Paulo um dos conceitos mais integradores da Teologia. De forma persuasiva, ele sustenta que a nossa capacidade de conhecer o que quer que seja requer a existência de um universo que pode ser entendido e conhecido, e que se algo for realmente inteligível, então deve haver um contexto ulterior de inteligibilidade. Sobre a base deste contexto ulterior de inteligibilidade, podemos pensar que deva estar Deus. Não só há Deus, mas também podemos razoavelmente afirmar uma revelação especial de Deus por meio de Cristo levada adiante na história da Igreja.

“Method in Theology” manifesta preocupações no que concerne a conversão moral e religiosa. Para Lonergan, a conversão é tripla: religiosa, moral e intelectual. A teologia assim entendida combina a razão e a fé de um modo tal que se beneficia grandemente do contexto de uma universidade que sustenta muitas disciplinas acadêmicas. Ela se edifica sobre estudos científicos, hermenêuticos, históricos e analíticos. Requer que muitas dimensões de sua própria disciplina sejam desempenhadas de um modo que esteja logicamente anterior a toda e qualquer posição religiosa.

“Method in Theology” realiza um serviço valioso ao explicar como a teologia pode se enquadrar dentro de um ambiente universitário. Numa época em que poucas pessoas concebem a teologia como uma disciplina unificada com muitas partes interagindo entre si, este pode ser o momento para um reavivamento desta

obra. Às vezes, parece como se os departamentos de teologia atuais fossem habitados principalmente por pessoas tão centradas em suas subdisciplinas que não fazem ideia de que deveriam estar colaborando com os seus colegas em um projeto unificado e muito mais amplo. O teólogo que participa de uma comunidade de fé e se esforça a viver de maneira prática a sua visão, torna-se uma agente de transformação. A proposta de Bernard Lonergan gira em torno do eixo de que a educação teológica exhibe no teólogo, frutos significativos à sociedade, religião, filosofia, história, fé, revelação, doutrina e comunidade.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Na presente seção, o objetivo é apresentar uma contextualização da educação, do ponto de vista teórico prático e com viés teológico, bem como revelar que aspectos ligados a educação é o que nos move ao ensino teológico.

2.1 A EDUCAÇÃO PARA O HOMEM

Immanuel Kant (1724 — 1804) foi um filósofo prussiano. Amplamente considerado como o principal pensador da era moderna, Kant operou, na epistemologia, uma síntese entre o racionalismo continental onde impera a forma de raciocínio dedutivo e a tradição empírica que valoriza a indução. Kant é reconhecido sobretudo pela elaboração do denominado idealismo transcendental: todos nós trazemos formas e conceitos a priori (aqueles que não vêm da experiência) para a experiência concreta do mundo, os quais seriam de outra forma impossíveis de determinar.

Sobre educação, Kant é indispensável em virtude de seus escritos sobre o assunto, tratar sobretudo numa pedagogia calcada na autodeterminação crítica do indivíduo, instigando o pensar, para que em todas as circunstâncias da vida o sujeito possa eleger o que é correto, justo e bom.

Compreende que o homem em Kant é a única criatura que precisa ser educada e que não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação, pois ele é aquilo que a educação faz dele. (1996)¹

Em sua perspectiva, a educação era a ferramenta, por assim dizer, que levaria o indivíduo à liberdade, pois faz parte também de sua função, ensinar e orientar o homem a deixar de ser bruto e selvagem para se tornar autônomo e civilizado. Segundo Rink, a pedagogia formou um dos campos centrais da consciência do iluminismo Kant. (1980)²

A discussão sobre a educação não passara, portanto, despercebida de Kant. A obra “Sobre a Pedagogia” é um conjunto de preleções publicada em 1803, um ano antes da morte de sua morte. Nessa época, Kant tem bem amadurecida a concepção de que a organização social da Alemanha está bastante longe dos ideais

¹ Kant I. Sobre a Pedagogia. Trad Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep; 1996 (p. 18).

² A Religião dentro dos limites da simples razão. Trad Tânia Maria Bernkopf. São Paulo: Abril Cultural; 1980 (p. 03).

do Iluminismo, devido ao despotismo político e à falta no sistema educacional do seu país de princípios universais advindos de uma moralidade apriorística que, aplicados no processo educativo, levariam os homens à liberdade e à felicidade. Portanto, com base neste pensamento, Kant lança uma pergunta, até hoje questionada: Como se poderá tornar os homens felizes, se não os tornamos morais e sábios? Para que os homens se tornem morais e sábios e, como consequência, felizes, é preciso que sejam educados.

A educação para Kant é a condição que contribui no processo do homem para alcançar autonomia. A definição de sujeito autônomo implica a liberdade. Com autonomia o sujeito vence paulatina e progressivamente a propensão para o mal e se converte para o bem, uma vez que, segundo Kant, na obra “Religião dentro dos limites da simples razão”, enfatiza que “homem é mau por natureza”. (1980)³

Kant assegurava que o homem deve deixar sua “menoridade” (menoridade é a incapacidade de servir do entendimento sem orientação de outrem) e migrar para a “maioridade” (capacidade de utilizar-se do próprio entendimento). Servir-se do próprio entendimento é essencial à compreensão da transformação do modo de pensar e decidir segundo Kant. (2001)⁴

Servir do próprio entendimento é uma reivindicação essencial à compreensão da transformação do modo de pensar e fundamentar a filosofia moral em Kant. Trata-se, por conseguinte, de afirmar a tese de que Kant quer encorajar todo ser humano a fazer uso de sua própria razão tanto em seu uso teórico como em seu uso prático. E isso é sumamente importante, porque se o homem se deixar guiar e determinar pela parte animal, ele compromete a sua humanidade, que é, em última análise, o perigo de não se realizar como pessoa. Kant, na “Crítica da Razão Pura” define uma pessoa como “o que tem consciência da identidade numérica de si própria em tempos diferentes” (2005)⁵

O homem, enquanto ser vivo e racional, tem a disposição para o bem, mas precisa ser educado e disciplinado, pois, segundo Kant, o “homem torna-se verdadeiro homem pela educação”, como supra mencionado. (2005)⁶

A educação é a possibilidade de fazer o homem se desviar do mau, e também

³ Id., 1980, p. 3.

⁴ Schneewind JB. A invenção da autonomia: uma história da filosofia moral moderna. Trad Magda França Lopes. São Leopoldo: Unisinos; 2001 (p. 26).

⁵ Nodari PC. A noção da boa vontade em Kant. In: Rev Portuguesa Filos. 2005 (p. 533).

⁶ Id., 2005, p. 10.

um dever de preservar-se da animalidade. É dever para o ser humano erguer-se da tosca condição de animalidade, através da qual só ele é capaz de estabelecer fins; ele tem o dever de reduzir sua ignorância através da instrução e corrigir seus erros. Para o homem não constitui contradição estabelecer para si mesmo um fim. “O traço específico do conceito de humanidade, e a diferença de animalidade está na capacidade de pôr-se fins”. (1981)⁷

Por educação, Kant entende o cuidado da infância, a disciplina e a instrução, fundamentais à formação do homem. A educação proposta por Kant, além de ser uma arte, é um processo que educa o homem para a liberdade. A educação libertaria o homem do estado bruto.

Kant enfatiza que o homem é a única criatura racional sobre a terra “essa razão é a faculdade de ampliar as regras, e os propósitos do uso de todas as forças muito além do instinto natural, e não conhece limite para seus projetos; por ser racional ele ultrapassa a ordenação mecânica de sua existência por meio de sua própria razão”. (2003)⁸

A educação para a liberdade necessita de exercícios e ensinamentos de modo a permitir gradativamente o desenvolvimento de sua inteligência.

O homem, por ser racional, ultrapassa a ordenação mecânica de sua existência e todo o sentido de sua existência, proporcionando a si mesmo a libertação dos instintos por meio de sua própria razão; “O homem não deve ser guiado por instintos, pois foi dado a ele razão e liberdade da qual deve tirar tudo de si mesmo”. (2003)⁹

Assim, na era moderna, cresceu o clamor da liberdade geral e sustentou-se que uma ordem social apropriada só poderia acontecer a partir de indivíduos livres e emancipados, em que o sujeito só poderá ser racional e livre ao desenvolver todas as suas potencialidades de acordo com a vontade boa.

Dessa forma, compreende-se quando Kant diz que o “O homem é a única criatura que precisa ser educada” (1996)¹⁰ porque ele não nasce pronto e muito menos sua razão. Entende Kant que não é pelo fato de o ser humano ser dotado de razão que ele já é moral. A razão, ao contrário dos instintos, precisa ser educada,

⁷ Rohden V. Interesse da razão e liberdade. São Paulo: Ática; 1981 (p.314).

⁸ Kant I. Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita. Trad Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. São Paulo: Martins Fontes; 2003 (p. 28).

⁹ Id., 2003, (p. 14.).

¹⁰ Kant I. Sobre a Pedagogia. Trad Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep; 1996 (p. 11).

treinada e exercitada. Kant infere que “o homem nasce como o mais frágil de todos os animais, uma vez que enquanto os outros animais requerem apenas nutrição o homem precisa de cuidado e de cultura”.

A educação é um processo de disciplina que produz o “efeito positivo” de acostumar o ser humano a obedecer às leis, formar hábitos e a submeter-se às prescrições da razão. Isso é de fundamental importância, uma vez que o homem se difere do animal. Mas, o homem requer polimento. O homem é tão naturalmente inclinado à liberdade que, depois que costuma a ela por longo tempo, a ela tudo sacrifica.

Ora, esse é o motivo preciso, pelo qual é conveniente recorrer cedo à disciplina; pois, de outro modo, seria muito difícil mudar depois. Ele seguiria, então, todos os seus caprichos. (1996)¹¹

Vejamos:

A natureza quis que o homem tirasse de si tudo o que ultrapassa a ordenação mecânica de sua existência animal e que não participasse de nenhuma felicidade ou perfeição senão daquela que ele proporciona a si mesmo do livre do instinto, por meio da própria razão”. (2003)¹²

A educação é o processo que está totalmente relacionado com a moral; segundo Kant, “Uma boa educação é precisamente a fonte de onde brota todo bem neste mundo”. (1996)¹³

Por isso, no homem há germes para o bem, conseqüentemente, “os germes que são depositados no homem devem ser desenvolvidos sempre mais”. (1996)¹⁴

¹¹ Kant I. Sobre a Pedagogia. Trad Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep; 1996 (p. 11).

¹² Kant I. Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita. Trad Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. São Paulo: Martins Fontes; 2003

¹³ Kant I. Sobre a Pedagogia. Trad Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep; 1996 (p. 18).

¹⁴ Id., 1996, (p. 19)

O homem tem a necessidade de estar submetido à “vontade universalmente válida, de modo que todos possam ser livres”. (2003)¹⁵

A educação deve convergir para a moralização, assim “Aprender a ser homem significa aprender a deixar-se progressivamente guiar pela razão, ter a capacidade e a coragem de sair da menoridade da qual cada um é culpado, e dar-se a própria lei de conduta” (2003)¹⁶ Assim, segundo Kant, o homem “Ele, portanto, poderá se tornar moralmente bom, graças a uma força exercida sobre si mesmo”. (1996)¹⁷

Por meio da educação repousa o grande segredo da perfeição da raça humana, de acordo com Kant. A própria moralidade, ao menos no que concerne aos seres humanos, pressupõe a educação.

A moralidade não pode simplesmente ser um produto causal da educação, mas ela pressupõe a educação como uma precondição necessária, uma vez que por natureza o ser humano não é um ser moral em absoluto”. (1996)¹⁸

Kant pensa que o homem para agir possa se orientar no mundo; enquanto dotado de razão e de vontade, tornando-se cada vez mais senhor de si e de suas próprias ações, de modo a fomentar um estado de liberdade e autonomia, pois, sendo a educação uma arte, a “autonomia pode ser ensinada e a liberdade aprendida”. (2004)¹⁹

Para Kant, a educação exige do sujeito o ato de ensinar a pensar. A educação é o processo que está totalmente relacionado com a moral. Segundo nosso pensador prussiano, uma boa educação é precisamente a fonte de onde brota todo bem neste mundo. Kant compreende que a educação tem um aspecto pragmático, transformando-se em uma das ferramentas indispensáveis para a pedagogia.

A educação, para Kant, é um instrumental que tem por objeto preservar a vida, buscar a civilização e apontar para princípios morais.

¹⁵ Kant I. *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. Trad Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. São Paulo: Martins Fontes; 2003. (p. 11).

¹⁶ Id., 2003. (p. 11).

¹⁷ Kant I. *Sobre a Pedagogia*. Trad Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep; 1996 (p. 102).

¹⁸ Id., 1996, (p. 82).

¹⁹ Oliveira MN. *A educação na ética kantiana*. *Educação e Pesquisa*. 2004 (p.459).

2.2 A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA

Agora que percebemos a relevância da educação para o homem tendo por base, Immanuel Kant, passemos a explorar a educação teológica. Temos compreendido que “educação teológica” é um processo de educação e formação de alunos contemplado por instituições de ensino teológico, com vistas a instrução e preparo para o labor teológico e pastoral. Historicamente, as igrejas reformadas têm dado grande importância ao ensino teológico e à preparação de seus pastores para a execução do ministério que faça a diferença na sociedade.

O Evangelho mesmo ordena que este ministério seja confiado a pessoas de reconhecida aptidão e piedade, as quais não devem se ocupar em outra coisa. Embora os membros de qualquer igreja sejam zelosos no cumprimento dos seus deveres, não podem dispensar os serviços de um Pastor bem instruído nas Escrituras e apto para ensinar publicamente. (2007)²⁰

Estes requisitos nem todos os cristãos possuem. Este ministério requer estudo que poucos têm. Mais ainda, requer prudência e abnegação e zelo que Deus só dá aos que vivem em sua santa comunhão por meio de vigilância e oração constante. Nem todo cristão zeloso é apto para ensinar a seus semelhantes da cadeira evangélica. Por mais forte que seja a vontade de anunciar, sem estudos e a prática de falar, não pode fazê-lo com bom êxito. Não há dúvida que Deus pode por meio de dons extraordinários, converter pescadores em Apóstolos sem intervenção de escolas nem livros, mas a necessidade de uma educação teológica adequada em nosso contexto, torna-se elementar.

Estes requisitos nem todos os cristãos possuem. Este ministério requer estudo que poucos têm. Mais ainda, requer prudência e abnegação e zelo que Deus só dá aos que vivem em sua santa comunhão por meio de vigilância e oração constante. Nem todo cristão zeloso é apto para ensinar a seus semelhantes da cadeira evangélica. Por mais forte que seja a vontade de anunciar, sem estudos e a prática de falar, não pode fazê-lo com bom êxito. Não há dúvida que Deus pode por meio de dons extraordinários, converter pescadores em Apóstolos sem intervenção de escolas nem livros, mas a necessidade de uma educação teológica adequada em

²⁰ COLÉGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA. Cânones da Igreja Metodista 2007. São Paulo: Editora Cedro, 2007 (p. 51).

nosso contexto, torna-se elementar.

O estudo da teologia não se restringe aos intelectuais e acadêmicos, nem tampouco é um meio de se destacar entre os sábios e entendidos do ponto de vista religioso. (2008).²¹ A teologia também não pode ser considerada um estudo direcionado ao conhecimento da totalidade da revelação de Deus ao Homem, pois, certamente, isso não irá acontecer, visto que nossa limitação não pode compreender a revelação de Deus de forma completa, sendo Deus eterno e infinito (I Coríntios, 13: 9-12 - ARA). A teologia é uma ciência para ser estudada por todas as pessoas que por ela se interessam. A teologia não é algo acabado, mas por ser viva e contemporânea, a teologia está em constante construção. Destarte, a teologia serve para transmitir esperança ao homem aflito com tudo aquilo que já produziu e mostrou, como também pode e deve servir para educa-lo e transformá-lo em alguém melhor. (2008)²²

Pode-se afirmar que Teologia, transformação e educação, misturam-se num processo potencializador, lembrando as palavras do apóstolo Paulo: “E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente” – Romanos 12.2 - ARA.

Noutras palavras, o apóstolo está afirmando ao seu leitor “... façam uma teologia transformadora, começando pela mente de cada qual”. O objetivo da teologia é alcançar e mostrar a verdade. A contínua construção do conhecimento torna-se um processo de reflexão, de inovação e de educação dentro desse espectro.

Quanto a educação, indubitavelmente, está presente em todo o tempo nas sociedades. Noutras palavras, educar é promover o crescimento e o amadurecimento do sujeito em todas as suas dimensões: material, intelectual, moral e religiosa (2006).²³

²¹ Alderi M. Fundamentos da Teologia Histórica. São Paulo: Mundo Cristão, 2008 (p. 38).

²² Paulo Sérgio LG. A Consciência Histórico-hermenêutica na Teologia Contemporânea. São Leopoldo: Usininos, 2008 (p. 33).

²³ Érico João H. Pode Teologia ser Ciência. Teocomunicação, Porto Alegre, 2006 (p. 33).

A educação configura-se como um direito do ser humano, e dela dependem o desenvolvimento das capacidades e potencialidades do mesmo. Moacir Gadotti (2001) ²⁴salienta que a formação do educador para uma nova realidade brasileira faz-se necessária, porque a educação está relacionada com processo de formação de cidadãos conscientes e para isso não se deve desconsiderar as características da tradição política do nosso país, no qual ainda há o predomínio de oligarquias que se associam para o controle do poder. Os aspectos envolvidos no processo educacional buscam a construção da cidadania, viabilizando, assim, uma integração social cada vez mais ampla do indivíduo. A sociedade que privilegia a educação está alicerçada numa base muito mais sólida, consubstanciada num modelo centrado no respeito aos direitos fundamentais.

Grandes personalidades antigas e contemporâneas tiveram suas próprias definições sobre educação: Mahatma Gandhi dizia que a verdadeira educação consiste em pôr a descoberto o melhor de uma pessoa. (1951)²⁵. “Rousseau disse que “educar é a arte de formar homens”. (1983)²⁶. Sócrates, antes de Cristo, afirmava que “só é útil o conhecimento que nos faz melhores”. “Platão, “educar é dar à alma e ao corpo toda a perfeição de que são susceptíveis”. (2006)²⁷

Educação não se aprende só na escola. A Igreja é extensão da vida do homem e que também promove educação. Andrew Carnegie disse que “muitos são instruídos, mas poucos são educados”. (2007)²⁸. A história da educação, está intimamente ligada à própria história das instituições religiosas. A casta sacerdotal que, nas sociedades arcaicas, detinha o poder político ou pelo menos dele participava ativamente, deve ter compreendido, de maneira bastante clara, a importância de chamar a si o controle do sistema educacional, por mais informal e limitado que ele fosse. (2001)²⁹

²⁴ Moacir G, 2001. Pedagogia da Terra. São Paulo: Peirópolis (p. 48).

²⁵ Gandhi, M. K. Basic Education. Bharatan Kumarappa, ed. Ahmedabad: Navjivan, 1951.

²⁶ Jean-Jacques R. Do Contrato Social. São Paulo. Abril Cultural, 1983.(Os Pensadores).

²⁷ PEREIRA, Beatriz QP. A Educação Segundo Platão: Uma Discussão sobre Processos de Aprender e Ensinar a Virtude. VI EDUCERE - Congresso Nacional de Educação da PUCPR. Curitiba, 2006.

²⁸ The Autobiography of Andrew Carnegie and The Gospel of Wealth: Penguin Books, 2007 (p. 373).

²⁹ Moema T. Introdução a Sociologia Educacional. Petrópolis: Vozes, 2001 (p. 85).

É neste contexto que surge o interesse em conhecer essa ciência chamada “teologia” que começara a ganhar espaço nos círculos acadêmicos. Dessa forma, a teologia e suas disciplinas - como era considerada por definição - começam a fazer parte da grade curricular de algumas instituições da época.

No antigo Egito, no qual a transmissão do saber era restrita a alguns poucos privilegiados, dentre eles, os sacerdotes. De igual forma, na Mesopotâmia, onde a classe sacerdotal também era encarregada da educação. Entre os hebreus, os quais eram propagadores do monoteísmo ético e moral, também era requerido dos seus seguidores, a observação de determinados valores e crença.

No que diz respeito à sociedade brasileira, verifica-se organizações religiosas educacionais ligadas à Igreja Católica, como por exemplo a PUC – Pontifícia Universidade Católica e a outras igrejas cristãs da atualidade, como no âmbito evangélico a Universidade Presbiteriana Mackenzie e os Colégios Presbiterianos. Desse modo, o conhecimento teológico encontra-se em todas as modalidades da educação, a informal – através dos valores vivenciados nas igrejas; a não formal – através das ONGs ligadas às instituições religiosas; e a formal – através das escolas confessionais cristãs. (2002).³⁰

Portanto, teologia e educação não se contradizem, mas se complementam, já que são leituras diferenciadas de uma mesma realidade: o ser humano, onde a teologia não está no lugar das ciências humanas, mas dialoga com elas.

Em seu livro, “Between Athens and Berlin” (1993)³¹, David H. Kelsey afirma que a década de 1980 (séc. XX) produziu educadores teológicos cristãos na América do Norte, os quais proporcionaram o debate mais extenso impresso sobre a escolarização teológica que já foi publicado.

O debate é notável em vários aspectos. Por um lado, é notável que tenha acontecido. A maioria dos tipos de educação superior na América, de faculdades de artes liberais a universidades de pesquisa e escolas de medicina e direito, tem passado periodicamente por períodos de debate autocrítico sobre a natureza e o propósito de seus empreendimentos. Frequentemente, o debate levou à reforma educacional.

³⁰ Inês Augusto B. Educação e Personalidade: a dimensão sócia histórica da educação cristã. São Paulo: Mackenzie, 2002 (p. 41).

³¹ Between Athens and Berlin: The Theological Education Debate, (Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1993).

Esse auto exame crítico não tem sido, entretanto, uma preocupação notável dos educadores teológicos. Também é notável, na verdade sem precedentes, que tal debate sustentado tenha surgido, não em resposta a um grande estudo da educação teológica, mas como uma conversa entre vários pontos de vista teológicos bastante diferentes.

O mais impressionante de tudo, talvez, é o fato de que tem sido um debate teológico. Seu foco central tem sido a pergunta: O que é teológico na educação teológica? O debate não se concentrou nas questões pedagógicas, nas variações da pergunta: Qual é a maneira mais eficaz de ensinar na educação teológica? Presumivelmente, os insights pedagógicos são aplicáveis ao ensino do homem, como é percebido em Kant. Sem dúvida, o ensino teológico lucraria enormemente por ser mais profundamente moldado por tal percepção. Mas esse tipo de melhoria não tornaria necessariamente a educação uma educação teológica melhor.

O debate também não se concentrou em questões sobre a integridade futura do empreendimento de educação teológica: por exemplo, como podemos fortalecer e preservar seus recursos financeiros, ou como atraímos alunos mais capazes ou como podemos tornar nosso curso de estudo mais responsivo às múltiplas demandas das igrejas sem fragmentar em uma coleção de programas não relacionados? Em vez disso, a questão central no debate recente foi esta: Qual é a natureza e o propósito da educação especificamente teológica? O que a diferencia de outros empreendimentos acadêmicos aparentemente relacionados como, precisamente, a educação teológica?

Os participantes da discussão foram em grande parte, embora não inteiramente, membros do corpo docente do sexo masculino, brancos, de escolas de teologia que podem ser razoavelmente descritos como escolas protestantes tradicionais. É importante reconhecer desde o início que esta é uma das principais limitações da discussão. Educadores teológicos que são mulheres e pessoas de cor, católicos romanos e protestantes evangélicos participaram da discussão.

Um fato crucial verificado abarca a sociologia da teologia, a saber, o contexto institucional no qual a teologia mais intelectualmente séria ou formal foi feita na América do Norte por mais de um século e meio e tem sido cada vez mais a escola teológica. De fato, na maior parte do tempo, o termo teologia é usado como abreviatura para teologia acadêmica, teologia feita na academia e em grande parte subordinada à academia. Consequentemente, se você re-concebe profundamente a

escola teológica, você acaba re-concebendo o que é fazer teologia, e vice-versa.

Claramente, então, é importante para qualquer pessoa preocupada com a saúde da educação teológica, ou, mais amplamente, para qualquer pessoa preocupada com a saúde da teologia. É estar ciente, não apenas de uma ou outra das vozes em debate, mas da estrutura geral e o movimento do debate como um todo. Por um lado, é importante ver criticamente a força das afirmações sobre a incoerência teológica profunda na educação teológica e suas críticas implícitas sobre o que a teologia se tornou; por outro lado, é igualmente importante ver como as diferentes imagens da natureza e do propósito da teologia exigem mudanças diferentes em nossa compreensão da natureza e do propósito da educação teológica.

Embora haja argumentos teológicos persuasivos, não se pode considerar nenhum deles, como sendo teologicamente determinado pela própria natureza do Cristianismo. Na verdade, a antiga pergunta de Tertuliano, "O que Jerusalém tem a ver com Atenas?" (2011) ³² pode sugerir que, com suas raízes em Jerusalém, o cristianismo de fato exige teologicamente um terceiro tipo de ensino excelente, até então ignorado pelas principais comunidades cristãs. Qualquer que seja o caso teologicamente normativo pode ser, o caso de fato que a educação teológica cristã norte-americana moderna está comprometida com "Atenas" e "Berlim", e está comprometida com ambas por razões históricas. Entende-se que esses tipos de escolaridade são excelentes e estão profundamente institucionalizados nas práticas que constituem a educação teológica americana de todos os tipos e nenhum deles pode simplesmente ser abandonado. *En passant*, vejamos o que representa dessa perspectiva, e logo após, o que representa Berlin.

Por ser a imagem da escola celebrada na cultura da Grécia antiga, Atenas representa um tipo de escolaridade em que a paideia é o cerne da educação.

Em grego, paideia significava um processo de cultura da alma, escolarização como formação de caráter.

É a imagem mais antiga da educação encontrada no cristianismo e foi recuperada de forma poderosa no debate atual sobre a educação teológica. No final do primeiro século, os cristãos em uma cultura helenística já haviam inconscientemente chegado a pensar no cristianismo como uma espécie de paideia.

³² Justo LG. Cultura & Evangelho: o lugar da cultura no plano de Deus. São Paulo: Hagnos, 2011 (p. 101).

Este modelo exerceu uma hegemonia muito longa sobre a compreensão cristã do cristianismo e da educação.

Perto do final do Cristianismo Primitivo e da Paideia grega, Werner Jaeger, (2014) ³³o principal historiador da Paideia, afirma que esse modelo de educação pode ser perseguido durante a Idade Média; e a partir da Renascença a linha leva direto de volta ao humanismo cristão dos pais do quarto século DC. Neste final da linha histórica, este modelo foi introjetado no debate sobre a educação teológica pelo livro que pode ser razoavelmente dito ter iniciado a discussão atual, a Teologia de Edward Farley," que, "em seu próprias palavras, pretende promover uma paideia cristã. (1983)³⁴

É claro que a ideia de paideia passou por algumas mudanças importantes durante essa longa história. Já tinha mais de quatro séculos quando os cristãos entraram em cena. Na antiga Atenas, paideia simplesmente designava um processo educacional não autoconsciente, por meio do qual jovens do sexo masculino livres eram "formados" pelas virtudes de que precisariam para atuar como cidadãos adultos responsáveis. O processo envolveu toda a pessoa. Seus corpos foram submetidos à disciplina física e suas almas foram informadas pelas tradições e costumes da Grécia antiga, principalmente pelo estudo de Homero, de modo que os jovens emergissem profundamente moldados pelas disposições que constituem os bons cidadãos. O objetivo da educação como paideia era algo ao mesmo tempo muito público e muito político: o cultivo de cidadãos politicamente qualificados para uma cidade ou pólis autogovernada "democrática" idealizada. A educação "deveria" ser, não importa como fosse realmente conduzida.

O objetivo da paideia, que é o cultivo da excelência ou arete da alma e consiste não em adquirir um punhado de virtudes, mas no conhecimento do próprio Bem. (1983)³⁵

A educação como paideia é definida como a investigação de um único princípio subjacente a todas as virtudes, sua essência. Ser moldado por arete é simplesmente conhecer o bem. Por seu turno, o bem não é apenas a essência subjacente das virtudes morais e intelectuais; é o princípio mais elevado do universo. É o divino.

³³ Jaeger, *Early Christianity and Greek Paideia* (Cambridge: Harvard University Press, 1961. (p. 138).

³⁴ Edward F. *Theologia: The Fragmentation and Unity of Theological Education*. Philadelphia: Fortress Press. 1983 (p. 152)

³⁵ Id., 1983, (p. 155).

Para pessoas instruídas de língua grega no primeiro século d.C., cultura era simplesmente, em um sentido amplo, paideia. Quando alguns deles se tornaram cristãos, seja de famílias pagãs ou de famílias judias assimiladas à cultura helenística, eles vieram para o cristianismo como pessoas que já haviam sido educadas dessa maneira. Era inevitável que eles interpretassem sua nova fé cristã como uma paideia alternativa. (1961)³⁶

Assim, Clemente de Roma, escrevendo pastoralmente em 90 d.C., para a igreja em Corinto quando ela foi dividida pela controvérsia, usou tropos literários e padrões de argumento capazes de influenciar pessoas formadas pela paideia tradicional, referindo-se à paideia de Deus e à paideia de Cristo, e associou explicitamente sua carta com paideia para deixar claro que a carta deveria ser lida como uma peça de educação cristã. (1965)³⁷

Essa é a razão histórica pela qual a educação teológica cristã na América do Norte está tão profundamente comprometida com Atenas como um tipo normativo de educação. Se o cristianismo é visto como uma paideia, como tem sido em suas tradições mais antigas, então é simplesmente uma educação teológica cujo objetivo é o conhecimento de Deus e, correlativamente, formar as almas das pessoas para serem santas.

De qualquer outra forma que a educação teológica venha a ser concebida digamos, de forma mais restrita como a educação do clero - ela será simplesmente um modo ou variação da paideia que o próprio Cristianismo é de forma mais ampla (1961)³⁸. Mostramos, portanto, as raízes históricas profundas desse tipo ou modelo de educação excelente, que sobreviveu às mudanças culturais e intelectuais massivas introduzidas no Cristianismo no século XVIII pelo Iluminismo europeu e continuou a ser um modelo influente no período moderno.

³⁶ Early CJ; Greek P. (Cambridge: Harvard University Press, 1961. (p. 100).

³⁷ Carta Primera de San Clemente a los Corintios. In: Padres Apostólicos (Edição trilingue: grego/espanhol/latim). Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1965.

³⁸ Early CJ; Greek P. Cambridge: Harvard University Press, 1961. (p. 25).

2.3 BERLIN

A decisão, alcançada após considerável controvérsia, de incluir uma faculdade de teologia na recém-fundada Universidade de Berlim em 1810 criou um novo tipo de educação teológica excelente, da qual deixaremos "Berlim" ser o símbolo. Esse tipo de educação é bipolar: enfatiza a importância da pesquisa crítica disciplinada e ordenada e a educação "profissional" para o ministério. Vários recursos caracterizam cada um desses polos interconectados. (1906)³⁹

Como a Universidade de Berlim foi deliberadamente projetada para instanciar um tipo de escola recém-surgido, a "universidade de pesquisa", era uma questão em aberto se um corpo docente de teologia tinha algum lugar apropriado nela. A Universidade foi fundada como parte de uma reforma do sistema educacional prussiano após a derrota da Prússia para Napoleão, e refletiu um movimento mais amplo em toda a Europa para remodelar a educação segundo os princípios do Iluminismo. Por alguns meses entre 1809 e 1810 Wilhelm von Humboldt foi chefe da seção do governo prussiano sobre assuntos culturais e educacionais, e nomeou um comitê de três pessoas, incluindo o teólogo Friedrich Schleiermacher, para ajudá-lo a redigir um estatuto provisório para uma nova universidade em Berlim. Schleiermacher escreveu o documento de fundação. O objetivo geral e organizador da universidade era pesquisar e ensinar aos alunos como fazer pesquisas; seu objetivo era ser uma investigação que visasse dominar a verdade sobre qualquer assunto estudado.

O único diploma que essa universidade conferia era o doutorado, o título de pesquisa. Apenas acadêmicos que publicaram pesquisas importantes além do doutorado poderiam ser considerados para nomeações para o corpo docente.

³⁹ Daniel Fallon, *The German University* (Boulder: Colorado Assoc. University Press, 1980) (p. 116).

Apenas os professores catedráticos seriam considerados membros das várias faculdades da universidade. Enquanto as escolas secundárias ensinam aos alunos um conhecimento bem estabelecido e não mais problemático, as universidades de pesquisa, sempre tratam o conhecimento como um problema ainda não resolvido e, portanto, sempre permanecem na pesquisa. O tipo de excelência que envolve Berlim pode ser considerada parte do legado teológico enormemente importante de Schleiermacher. (1983)⁴⁰

No entanto, mesmo Schleiermacher teve que defender a inclusão da teologia na nova universidade de pesquisa. O lugar da teologia em uma universidade de pesquisa estava em dúvida porque a teologia tradicionalmente se apoiava na "revelação", em autoridades cujo status de autoridade não podia ser examinado de maneira ordenada, disciplinada e crítica. Que a teologia era problemática é evidente por causa de três características da universidade de pesquisa que fluem de fazer da ciência seu objetivo definidor. Por um lado, em uma universidade de pesquisa, a ciência estava unida ao ensino.

A educação teológica sempre envolveu o ensino da mesma forma que a paideia - isto é, o ensino visa cultivar indiretamente a capacidade de conhecer a Deus. Em uma universidade de pesquisa, no entanto, o ensino visa cultivar capacidades para fazer pesquisa, para se envolver na ciência. A universidade de pesquisa não deveria ser simplesmente um centro de pesquisa; deveria ser uma instituição de ensino - ensinando não apenas os resultados da investigação crítica, mas também como se engajar na investigação crítica de modo a promover o conhecimento genuíno. Como poderia o tipo de ensino apropriado à teologia ser unido a esse tipo de investigação? (1988)⁴¹

⁴⁰ Between Athens and Berlin: The Theological Education Debate, (Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1993). (p. 52).

⁴¹ The Fragility of Knowledge: Theological Education in the Church and the University. By Edward Farley. Fortress Press, 1988. (Cap., 1 – 5).

Além disso, a hegemonia da teologia na universidade foi explicitamente derrubada. Desde o surgimento da instituição da universidade na Idade Média em diante, por causa de sua base na revelação divina, a teologia foi a faculdade mais elevada e dominante, superior às faculdades de artes e ciências e às faculdades de direito e medicina, para teologia foi a "rainha das ciências" a quem todas as outras investigações acabaram servindo. Na universidade de pesquisa, a base da reivindicação da teologia de autoridade abrangente não foi reconhecida e, com efeito, as faculdades de artes e ciências tornaram-se dominantes. É verdade que a desativação não significa necessariamente despejo. No entanto, uma reestruturação tão radical do poder na universidade deixou muito pouco claro se a teologia ainda tinha algum papel nela. (1993)⁴²

Nesse contexto, Schleiermacher fornece uma forte razão sociológica para incluir a teologia em uma universidade de pesquisa; mas a própria noção de uma universidade de pesquisa parece necessariamente excluir a teologia. Ele tenta amenizar essa ligação com o lado filosófico-teológico de seu argumento. (1993)⁴³

Concorda com seus oponentes que a teologia cristã não é uma ciência pura, ou seja, seus princípios não derivam de princípios universais que estão disponíveis para qualquer inquiridor. Portanto, ele concorda, a teologia não é uma investigação que pode ser incluída nas artes e nas ciências, que atendem apenas às ciências puras. A teologia, ele enfatiza, está enraizada em algo especificamente histórico e cultural - a igreja cristã - e não em princípios universais. É uma ciência positiva - isto é, está enraizada em algo historicamente simplesmente dado, ou, postulado. (1993)⁴⁴

Por razões históricas, a educação teológica cristã norte-americana tornou-se tão inescapavelmente comprometida com o tipo de educação de "Berlim" quanto com o tipo de Atenas. Isso é resultado da história por meio da qual o modelo fornecido pela Universidade de Berlim passou a dominar os padrões americanos de ensino superior em geral.

⁴² Between Athens and Berlin: The Theological Education Debate, (Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1993). (p. 39).

⁴³ Id., 1993, (p. 53 – 63).

⁴⁴ Id., 1993, (p. 39 – 41).

Historiadores da educação superior americana geralmente apontam para a fundação em 1876 da Universidade Johns Hopkins, a primeira universidade de pós-graduação nos Estados Unidos, como o momento em que o modelo "Berlim" se tornou decisivo para a educação superior americana. Em 1884, praticamente todos os professores da Johns Hopkins haviam estudado na Alemanha, e treze haviam recebido doutorado alemão. Durante o último terço do século XIX, a universidade de pesquisa exemplificada pela Universidade de Berlim tornou-se o modelo normativo de excelência em educação superior de todos os tipos nos Estados Unidos. (1993)⁴⁵

A influência desse desenvolvimento no ensino superior na educação teológica foi indireta e sutil. As escolas teológicas na América do Norte neste período não se transformaram em universidades de pesquisa. A maior parte da educação teológica fora e continuava a ser ministrada em instituições independentes, que não pretendiam ser versões de universidades de pesquisa.

No entanto, o tipo de ensino de "Berlim" ditou os padrões prevaletentes de educação academicamente respeitável, que a educação teológica abraçou e perante a qual se responsabilizou. Isso é evidente de várias maneiras: nos padrões de acreditação acadêmica, nas expectativas de pesquisa do corpo docente, nas atitudes em relação à importância dos acervos da biblioteca, em privilegiar os seminários como forma de ensino, etc. o tipo foi modificado na América e como as modificações introduziram sérias incoerências teológicas na educação teológica. (1993)⁴⁶

Em sua obra (debate), Kelsey identifica cinco vozes, cujas quais considera as posições mais desenvolvidas e contrastantes na conversa. Nesse trabalho, quero trazer à baila uma dessas vozes, sinalizadas por Kelsey, a saber, Edward Farley. (1993)⁴⁷

Edward Farley nasceu e foi criado em Louisville, Kentucky. Ele se formou no Center College e no Louisville Presbyterian Theological Seminary antes de se matricular no Union Theological Seminary. Ele obteve o doutorado em teologia filosófica em 1957 pela Universidade de Columbia. Como renomado teólogo, filósofo e excelente professor, Farley causou um profundo impacto em educadores com uma leitura e propostas à frente de seu tempo. Foi considerado uma das melhores

⁴⁵ Between Athens and Berlin: The Theological Education Debate, (Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1993). (p. 53 - 63).

⁴⁶ Id., 1993, (p. 53 – 63).

⁴⁷ Id., 1993, (p. 4).

mentes e um dos líderes mais eruditos de sua geração de ministros presbiterianos.

Para Faley, a teologia passou a ser sobre o domínio de disciplinas acadêmicas separadas a fim de preparar pastores para o ministério profissional, em vez do que costumava ser, outrora, ou seja, uma reflexão que leva o estudante a compreender a natureza de Deus com o propósito de obter sabedoria. Isso já foi algo aberto a todo cristão, independentemente da vocação. (1991)⁴⁸

É somente por meio da teologia, continua Farley, que alguém pode filtrar adequadamente o mundo ao seu redor e trazer toda a verdade em submissão à Palavra de Deus e, assim, obter unidade de conhecimento precisamente colocando na mente do cristão, as categorias tais quais, teologia bíblica, dogmática, história da Igreja, teologia prática, na ordem certa para criar clareza e diálogo entre os campos. (1983)⁴⁹

Ele acreditava que a igreja precisa de “liderança educada”, assim como medicina e direito, e um corpo docente universitário que forneça as bases cognitivas dessa “educação”. Com o passar do tempo, Farley acompanhou o desenrolar da educação teológica em níveis crescentes de especialização, como por exemplo, antigo testamento, novo testamento, teologia sistemática, etc., o que levou a outros campos compartimentados, por exemplo, ética do antigo testamento, teologia do novo testamento, teologia narrativa, teologia prática, formação espiritual, etc. Farley deixa claro que a educação teológica é uma ferramenta prática com vistas a uma aprendizagem integrativa. (1983)⁵⁰

Farley chamou de “paradigma clerical”, programas de estudo que foram criados e ordenados com base em seu valor utilitário para ministros profissionais. Conseqüentemente, a teologia prática rapidamente tornou-se associada à psicologia, estudos culturais, bolsa feminista, estudos negros, técnicas de marketing, várias práticas de negócios e tudo o mais que fosse considerado útil. Farley não os rejeita, mas sugere que eles precisam ser filtrados por meio de, em suas palavras, “uma teológica séria”. Farley completa ainda que teologia sistemática, teologia bíblica e história da igreja, precisam voltar a focar em nutrir a sabedoria e não apenas o conhecimento. (1983)⁵¹

⁴⁸ Barbara GW. Introduction. In: Barbara GW.; Edward F [eds.]. *Shifting Boundaries: Contextual Approaches to the Structure of Theological Education*. Louisville: Westminster John Knox, 1991. p. 9)

⁴⁹ Edward F. *Theologia: The Fragmentation and Unity of Theological Education*. Philadelphia: Fortress Press. 1983. (p. 86).

⁵⁰ Edward F. *Theology and Practice Outside the Clerical Paradigm*. In: BROWNING, Don S. (ed.). *Practical Theology: The Emerging Field in Theology, Church, and World*. San Francisco: Harper & Row, 1983. (p. 32).

⁵¹ Id., 1983, (p. 98).

A análise de Farley sobre o que há de errado com a educação teológica e os antídotos que ele propõe focou, em questões de unidade na educação teológica. Para Farley, o problema central da educação teológica é a perda da unidade. Farley pensava que primeiro precisávamos esclarecer a natureza da teologia. Na concepção de Farley, a escola teológica deve superar sua fragmentação e a teologia precisa ser reconcebida.

Desde a publicação de seu tratado (*Theologia – the fragmentation and unity of theological education* (1983), Edward Farley, promove influência ainda que ubíqua, em obras de teologia prática que procuram situar-se contextualmente antes de se dedicar a seu tema primordial. Muitos historiadores, baseiam-se na descrição de Farley a respeito do paradigma clerical quando descrevem desdobramentos modernos, perpetuando com isso um segundo mal-entendido ou simplificação excessiva – que o problema com a educação teológica e a teologia prática é o cativo do paradigma clerical.

O paradigma clerical é um diagnóstico precário para tudo que aflige a educação teológica. Mas ele é usado a toda hora porque capta muito claramente um problema que havia com concepções anteriores da teologia prática. (1987)⁵²

Conceber a educação teológica como uma formação preocupada tão somente com sugestões e dicas técnicas no ministério presta um desserviço à complexidade do ministério, da fé e da teologia prática.

Mas a ironia do emprego útil e incontestado dessa ferramenta heurística é que ela tende a culpar a vítima – o clero e sua necessidade muito reais de saber praticar o ministério. Farley faz uma importante precisão que passa despercebida, a saber, ele diz que, ao questionar o paradigma clerical, “deseja evitar a impressão de que esse seja um questionamento da validade da própria educação do clero ou da validade da educação para atividades e aptidões específicas”. (1983)⁵³

Mas é exatamente assim que o termo tem sido interpretado. Seu uso excessivo nos levou a subestimar todas as coisas clericais ou práticas como se fossem inferiores a todas as coisas acadêmicas, a despeito das melhores intenções de todas as pessoas. Farley sustenta que “no paradigma clerical, a teologia “é algo somente para o clero”, também seria igualmente válido dizer que no paradigma

⁵² Edward F. *Interpreting Situations: An Inquiry in the Nature of Practical Theology*. In: MIDGE, Lewis S.; POLING, James N. (eds.). *Formation and Reflection: The Promise of Practical Theology*. Philadelphia: Fortress, 1987. (p. 1 – 4).

⁵³ Edward F. *Theology and Practice Outside the Clerical Paradigm*. In: BROWNING, Don S. (ed.). *Practical Theology: The Emerging Field in Theology, Church, and World*. San Francisco: Harper & Row, 1983 (p. 98).

acadêmico a teologia se tornou algo apenas para a academia. (1983)⁵⁴

Isso sugere uma segunda correção do mal-entendido, de que a educação teológica errou ao se concentrar em aptidões. Precisamos continuar a tentar compreender o tipo de conhecimento de que necessitam pessoas leigas e ministros ou ministras para executar ou praticar o discipulado e o ministério. A inteligência mental é importante, mas não é suficiente.

Em uma das primeiras antologias da década de 1980, Farley conclui um breve histórico dizendo que “a teologia prática jamais existiu” como disciplina exceto como um “brilho no olho de Schleiermacher” e “não existe atualmente como disciplina”. É somente um “termo genérico” para designar um grupo de subespecialidades que não merece um lugar acadêmico. (1983)⁵⁵

Alguns anos mais tarde, ele inicia outro capítulo debatendo se a teologia prática é “um termo salvável”. “Tão variadas são as abordagens e as definições propostas que nem sequer está claro o que está sob discussão”. (1987)⁵⁶

Não mudou muita coisa mais de uma década depois quando Johannes van der Ven inicia um capítulo em um volume internacional sobre teologia prática dizendo que “algumas pessoas sustentam que a teologia prática nem mesmo tem metodologia” e não deveria ter uma metodologia porque ela “não é uma disciplina”, embora ele procure rebater isso. (1999)⁵⁷

Para Farley, A teologia prática é especialmente boa em “interpretar situações”. (1987)⁵⁸

A vista dessas coisas, observamos que Edward Farley aponta para uma série de desenvolvimentos na educação teológica com o passar do tempo, que levaram à perda de uma visão teológica definidora. A teologia costumava ser, e em sua concepção, ainda deve ser, não apenas ciência objetiva, mas um conhecimento pessoal de Deus e das coisas de Deus.

Outro autor indispensável para o assunto em questão, é o Prof. Daniel S. Schipani.

⁵⁴ Id., 1983, (p. 98).

⁵⁵ Id., 1983, (p. 52).

⁵⁶ Edward F. Interpreting Situations: An Inquiry in the Nature of Practical Theology. In: MIDGE, Lewis S.; POLING, James N. (eds.). Formation and Reflection: The Promise of Practical Theology. Philadelphia: Fortress, 1987. (p. 01).

⁵⁷ Johannes DV. The Empirical Approach in Practical Theology. In: SCHWEITZER, Friedrich; VEN, Johannes van der (eds.). Practical Theology: International Perspectives. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1999. (p. 323).

⁵⁸ Id., 1987, (p. 76).

Daniel S. Schipani nasceu e foi criado em Pehuajó, uma cidade da Província de Buenos Aires, Argentina. Ele é doutor em psicologia pela Universidad Católica Argentina (Buenos Aires) e doutor em Teologia Prática pelo Princeton Theological Seminary (Princeton, NJ). Ele é Professor de Cuidado Pastoral e Aconselhamento, Emérito, no Seminário Bíblico Menonita Anabatista em Elkhart, Indiana, e professor afiliado em McCormick Theol. Seminário e S. Francisco Theol. Seminário. Foi professor de Aconselhamento Pastoral e Educação Cristã no Seminário Evangélico de Porto Rico (San Juan, PR). Ministro ordenado da Igreja Menonita dos EUA, ele também atua como psicoterapeuta e conselheiro pastoral (voluntário) em um centro comunitário de saúde local para pessoas economicamente vulneráveis, especialmente imigrantes da América Latina. Seu trabalho acadêmico inclui supervisão clínica de alunos em capelania e aconselhamento pastoral e espiritual.

Os interesses de pesquisa e ensino de Daniel Schipani incluem processos de formação e transformação, leitura intercultural da Bíblia e pastoral e aconselhamento intercultural e inter-religioso.

Sobre educação, segundo no Prof. Schipani um dos grandes desafios para o/a educador (a) é levar o educando a apreender de si mesmo como organismo e como pessoa; aprendizado de relações responsáveis com os demais em um equilíbrio entre a dependência e independência; desenvolvimento de interesses e aptidões no conhecimento da realidade, e progressiva delimitação vocacional em função dos valores da comunidade; aprendizagem acerca da organização institucional e das tendências da época e da cultura, etc. (1973)⁵⁹

Tudo isso começa bem cedo, desde sua adolescência. Há uma ressalva, porém, para Schipani, a saber, suas recomendações só podem lograr êxito se o/a educador/a tenha experimentado por si tornando-se apto a repartir tal experiência com outras pessoas, procurando levá-las a se tornarem autônomas. Não “se trata de treinar dirigentes e professores para que sejam bons psicólogos, mas ajudá-los a funcionar mais eficazmente como educadores em suas funções específicas”. Percebe-se que Schipani, faz uso dos resultados de suas pesquisas e observações e as aplica na educação teológica. (1973)⁶⁰

⁵⁹ Daniel S., *Orientação existencial do adolescente*, São Paulo, Imprensa Metodista, 1973. (p. 36).

⁶⁰ Id., 1973, (p. 27).

Em seu livro, “El reino de Dios y el ministerio educativo de la iglesia” (1983), Schipani afirma que a igreja deve formular um programa educacional sério e adequado que alcance e beneficie seus membros e a comunidade que atende. Esse programa deve ser caracterizado por sua fidelidade ao Evangelho do Reino. Em sua obra, ele formula e oferece um fundamento e esqueleto estrutural no qual a congregação pode executar seu próprio programa de educação cristã secular para a missão que tem no mundo. Ao mesmo tempo, fornece informações e ferramentas básicas que todo crente chamado a servir na área educacional pode usar para dar sentido e conteúdo à missão que tem no mundo. (1983)⁶¹

A educação cristã, é compreendida sob a “perspectiva do reino de Deus” transcendente ao âmbito da comunidade eclesial. Esta educação não está atrelada ao compromisso restrito a denominação e nem por outros fatores que venham limitá-la. Essa educação em como base o evangelho e tem condições de mediar e analisar de forma crítica da reflexão e da prática educacional que supera todas as expectativas de uma determinada Igreja ou comunidade local. Este processo está relacionado com a mediação crítica que passa por uma nova relação entre as disciplinas que somam a educação cristã nos âmbitos eclesiais e sociais.

Portanto a tarefa formativa da Igreja é de associar seus membros para participarem da vida e dos compromissos da sua comunidade, que não pode ser dissociado da visão e atuação pedagógica dos que professam a fé cristã numa sociedade mais ampla. É um dos objetivos manterem estas duas dimensões interligadas na análise.

Sua ótica no que concerne ao trabalho educacional e em seus escritos, as grandes metáforas norteadoras da educação cristã eram: reino de Deus, humanização, vida e missão. As igrejas cristãs descreviam sua identidade a partir da missão e do serviço ao Deus que reina, que dá vida, que humaniza o ser humano à sua imagem.

A transformação individual e social era esperada e servia como fundamento para o trabalho eclesial, para o envolvimento social e político, e para a renovação da teologia. A educação cristã era vista como ministério indispensável e relevante para a vida da comunidade, seja através da (hoje, quase extinta) escola

⁶¹ Daniel. El Reino de Dios y el ministerio educativo de la iglesia: fundamentos y principios de educación cristiana. México: Editorial Caribe, 1983. (p. 54).

dominical, em busca de renovação, seja através dos pequenos grupos, seja através das comunidades eclesiais de base.

Todo o ministério de Jesus deve ser percebido e interpretado à luz do Reino vindouro. Assim é como os milagres realizados acabam sendo sinais de que o Reino já está irrompendo e fermentando dentro do velho mundo. Outros atos de Jesus - como o perdão dos pecados - também são sinais do Reino, da transformação e da derrota das situações opressoras. Eles são testemunhos da vontade e a ação libertadora e recriadora de Deus. (1972)⁶²

A presença de Jesus nega a negação da vida: as doenças se curam (Mateus 8.16-17); a luta se transforma em vitória e alegria (Lucas 7.11-17; Marcos 5,41-43); a morte é transformada em mero sono (Marcos 5.39); pecados são perdoados (Marcos 2.5); demônios impuros dão lugar ao Espírito de Deus (Mateus 12.28). "Reino de Deus" significa libertação total alcançada pela graça e poder de Deus. (1983)⁶³

Nota-se que o viés do professor Schipani é transcendente o qual complementa essa linha de pesquisa, bem como proporciona um enriquecimento sobre a temática guarnecendo o todo e ampliando o entendimento sobre o assunto.

Schipani acredita que a educação cristã deve ser um dos pilares que sustentam a igreja. É por isso que ele diz: "A educação cristã é o esforço deliberado, sistemático e sustentado, através do qual a comunidade de fé visa facilitar o desenvolvimento de estilos de vida cristã por indivíduos e grupos". (1973)⁶⁴

Como muitos apontaram, a educação cristã na América Latina está em crise (assim como Farley), pois a situação geral apresenta graves deficiências. Schipani mantém uma tese: a educação cristã será efetivamente criativa e transformadora, quando for guiada pela imagem bíblica do Reino de Deus. (1973)⁶⁵

Um Reino que penetra até mesmo nas mais profundas esferas humanas do crente em Cristo que se reúne não só na igreja, mas também nas casas, ruas, lojas, parques e escolas.

⁶² Leonardo B. Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. Petrópolis, Vozes, 1972. (p. 76 – 77).

⁶³ Daniel. El Reino de Dios y el ministerio educativo de la iglesia: fundamentos y principios de educación cristiana. México: Editorial Caribe, 1983. (p. 83).

⁶⁴ Daniel S., Orientação existencial do adolescente, São Paulo, Imprensa Metodista, 1973. (p. 13).

⁶⁵ Id., 1973, (p. 20).

A educação cristã, segundo Schipani, deve proporcionar o desenvolvimento pessoal do indivíduo, mas também a criatividade. A noção de desenvolvimento está encerrada em cinco elementos básicos: Primeiro, o desenvolvimento envolve um plano básico, ou seja, espera-se que todos passemos por certas etapas ou fases da vida. Em segundo lugar, o desenvolvimento assume uma sequência invariável. A ideia é que cada etapa envolva a passagem pela anterior e leve à próxima. Terceiro, o desenvolvimento envolve uma integração de elementos cada vez mais complexos. Quarto, o desenvolvimento envolve interação constante entre a pessoa e o ambiente. E quinto, o desenvolvimento envolve uma meta, que pode ser definida em termos de maturidade. Por tudo isso, é necessário que o desenvolvimento gire em torno do social, do cognitivo (secular) e do moral e da "fé".

O Evangelho do Reino de Deus deve ser o fundamento bíblico-teológico mais forte sobre o qual se baseia a educação cristã. Se nos interessa compreender, viver, compartilhar e anunciar o Evangelho do Reino, como interpretaremos as implicações da postulada centralidade do Reino e da expectativa de sua vinda? (1983)⁶⁶

No que diz respeito às implicações formais do evangelho do Reino, o "Reino de Deus" deve ser interpretado como um símbolo da ação libertadora e recriadora de Deus, de sua vontade e promessa, percebida nas Escrituras e, principalmente, à luz do ministério de Jesus. O reino de Deus anunciado por Jesus Cristo abrange o mundo, a pessoa humana e a sociedade. Toda a realidade tem que ser transformada por Deus. Lucas 17:21 diz "O reino de Deus está dentro de vocês", ou seja, de acordo com a exegese mais recente, "a nova ordem introduzida por Deus está à sua disposição.

Quanto às implicações materiais do Evangelho do Reino, quando o Reino de Deus é necessariamente referido, segundo Schipani, ele se distingue de todos os outros reinos. Não há senhores acima de Jesus Cristo, pois Ele é o Senhor dos senhores. O reino é único. Nesse sentido, como diz Boff, "Cristo tem duas exigências fundamentais: exige uma conversão pessoal e postula uma reestruturação do mundo humano". (1972)⁶⁷

⁶⁶ Daniel. El Reino de Dios y el ministerio educativo de la iglesia: fundamentos y principios de educación cristiana. México: Editorial Caribe, 1983. (. 58).

⁶⁷ Leonardo B. Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. Petrópolis, Vozes, 1972. (p. 76-77).

Isso implica, então, uma mudança de atitude que deve ser sempre acompanhada por uma mudança espontânea de ações. Acima disso, insisto, como afirma Ladd, a vida do reino deve ser baseada na expectativa de primeiro alcançar a vida eterna ... Jesus disse a Nicodemos: "Aquele que não nasceu de novo não pode ver o reino de Deus, e todo aquele que não é nascido da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus" (João 3: 3-5). (2008)⁶⁸

Depois de considerar o contexto cultural em que vive a Igreja, seja ele crítico ou estável, Schipani defende uma Educação Cristã que seja congruente com as necessidades latentes da Igreja. Quanto ao propósito da Educação Cristã, somos chamados a comprometer-nos em tornar possível a pessoas de todas as idades a apropriação do Evangelho do Reino de Deus. Isso significa seguir Jesus Cristo e responder ao chamado para o discipulado. Quanto às pessoas e ao contexto que compõe a Educação Cristã, basicamente todo crente deve ser incluído sem exceção, partindo da igreja (contexto imediato) para a cultura da sociedade (outros contextos). Para que isso aconteça é imprescindível que a igreja, como contexto educacional para a criatividade e a liberdade, permanecer aberto e em constante interação com o meio sociocultural. (1983)⁶⁹

Finalmente, considerando seriamente todos os itens acima, à luz do título desta obra, "O Reino de Deus e o Ministério Educacional da Igreja", entende-se que "O Reino de Deus é também o ministério educacional da Igreja, portanto, não se deve buscar um ministério educacional da igreja, mas em vez disso, praticar naturalmente o que entendemos do Reino, aplicando assim o verdadeiro ministério educacional da igreja, aperfeiçoando os santos e levando-os da terra para o céu. Se Jesus disse "venha o seu reino", devemos dizer "se o seu reino já veio, deixe-nos mais dele agora e para sempre".

Um dos grandes nomes da educação teológica do século XXI, é, sem dúvida, Bernard Lonergan. Na academia, Lonergan é conhecido como "um autor para o século XXI.

Joseph Francis Bernard Lonergan nasceu no dia 17 de dezembro de 1904 em Buckingham, Quebec – Canadá. Seu pai era engenheiro de ascendência irlandesa e a família da mãe era inglesa. aos 13 anos, no Colégio de Loyola, em Montreal, o que

⁶⁸ George EL. O Evangelho do Reino. 1. ed. São Paulo: Shedd, 2008. (p. 85).

⁶⁹ Daniel. El Reino de Dios y el ministerio educativo de la iglesia: fundamentos y principios de educación cristiana. México: Editorial Caribe, 1983. (p. 168).

levou o jovem Lonergan a aderir à Companhia de Jesus em 1922 e iniciar o longo caminho da formação jesuíta.

Passou os primeiros quatro anos como noviço em Guelph, Ontário; estudou filosofia escolástica por três anos no Heythrop College e, depois, mais um estudando literatura clássica e matemática na Universidade de Londres.

Após esses oito primeiros anos, Lonergan dedicou mais quatro a uma licenciatura em teologia na Universidade Gregoriana de Roma, onde deu início a sua carreira acadêmica. Fez seus votos solenes na ordem dos jesuítas em 1938.

Em maio de 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, foi levado de volta ao Canadá dois dias antes da defesa de seu doutorado.

Em 1940, Lonergan começou por lecionar teologia na Universidade da Imaculada Conceição, a Faculdade Jesuíta de Teologia, em Montreal, e também no Instituto Thomas More, de 1945 até 1946.

Ensinou teologia no Regis College, de 1947 a 1953, e na Universidade Gregoriana, de 1953 a 1964. Na Gregoriana, Lonergan ministrou aulas principalmente sobre Trindade e Cristologia, e produziu diversos livros nesses mesmos tópicos.

Em 1964, retornou às pressas para a América do Norte, dessa vez para tratar um câncer na garganta. Bernard Lonergan acabou falecendo a 26 de novembro de 1984, na enfermaria jesuíta na cidade de Pickering, Ontário.

Lonergan apontava Santo Agostinho e São John Henry Newman como suas maiores influências. Os estudos de J. A. Stewart sobre a doutrina das ideias em Platão foram também de grande importância, sem contar com Santo Tomás de Aquino, mencionado em uma de suas obras – *Insight: Um Estudo do Conhecimento Humano*. (2010)⁷⁰

Entretanto, a obra que nos interessa nessa pesquisa, é a obra “*Method in Theology*”. (2013)⁷¹

⁷⁰ Bernard L. *Insight – um estudo do conhecimento humano*. Tradução de Mendo Castro Henriques e Artur Mourão. Brasil. É realizações. 2010.

⁷¹ Bernard L. *Método em teologia*. Tradução Hugo Langone. São Paulo: É Realizações, 2012.

Depois da obra infra citada “Insight: Um Estudo do Conhecimento Humano”, Bernard Lonergan dedicou-se ao problema do método das ciências humanas, em geral, e da teologia, em particular. Neste Método em Teologia, Lonergan vislumbra o alcance ético e religioso que integra a estrutura de todo o conhecimento e que permanece invariável nas diversas metodologias. Lonergan não compreende o método como mero modelo a ser incessantemente reproduzido, mas faz referência a uma estrutura dinâmica que serve à criatividade e que contempla oito passos distintos, a saber: “a investigação, a interpretação, a história, a dialética, os fundamentos, as doutrinas, a sistemática e as comunicações”. Em Método na Teologia, Lonergan designa os sentimentos como a fonte “da massa, do momento, da movimentação e do poder” da consciência intencional e considera prioritária a compreensão desses sentimentos para orientar as nossas escolhas e ações num mundo por vezes absurdo e, infelizmente, perverso. (2012)⁷²

Longe de interessar apenas aos estudiosos e pesquisadores da área teológica, o “Método” destina-se a todos que se lançam intrepidamente ao ávido desejo de conhecer a realidade. Nessa obra, Lonergan apresenta uma teoria original e internamente coerente, elaborada de modo sistemático e de acordo com uma filosofia do conhecimento humano plenamente articulada. Método em Teologia pode ser considerada uma obra que visa também a reflexão sobre as operações que os teólogos realizam enquanto fazem teologia. Bernard Lonergan torna-se a partir dessa ferramenta, uma espécie de pioneiro numa área que se mostra cada vez mais decisiva à medida que a teologia avança. (2012)⁷³

Lonergan escreveu “Method in Theology” numa época em que a teologia ainda estava completando uma transição: de ser feita principalmente nos seminários apenas para ser feita também nas universidades. Nesse caso, as perguntas são: a teologia pertence realmente às universidades?

Será que ela pode ser legítima em trazer perspectivas religiosas para dentro das salas de aula acadêmicas? Será que as universidades deveriam se confinar somente aos estudos religiosos acadêmicos? Por outro lado, os pesquisadores que estudam a Bíblia e a tradição somente com os métodos históricos pertencem a um departamento de teologia?

⁷² Id., 2012, (p. 31).

⁷³ Id., 2012, (p. 78-79).

Na obra, Lonergan mostra como a teologia pode ser uma disciplina totalmente razoável e crítica enquanto, ao mesmo tempo, retém o papel tradicional de “fé em busca de compreensão” (2012)⁷⁴. Ele apresenta um plano organizacional básico para a disciplina acadêmica de teologia dividida em oito especialidades, como mencionamos a pouco, com um viés totalmente funcionais.

As quatro primeiras especialidades – pesquisa, interpretação, história e dialética – operam de um jeito que é logicamente anterior à “conversão”. As quatro especialidades funcionais finais – fundamentos, doutrinas, sistemática e comunicações – requerem uma “conversão” como pré-requisito. Para Lonergan, lembremos, a conversão é tripla: religiosa, moral e intelectual. Os estudiosos que trabalham dentro destas especialidades funcionais deveriam estar em diálogo entre si. Os que atuam em especialidades que convidam à “conversão”, por exemplo, não estão isentos dos cânones da razão que vinculam aqueles que trabalham nas especialidades pré-conversão. Eles estão, no entanto, especializando-se nas regiões intelectuais que pressupõem escolhas e decisões a favor de uma tradição religiosa particular. (2010)⁷⁵

A teologia assim entendida combina a razão e a fé de um modo tal que se beneficia grandemente do contexto de uma universidade que sustenta muitas disciplinas acadêmicas. Ela se edifica sobre estudos científicos, hermenêuticos, históricos e analíticos. Requer que muitas dimensões de sua própria disciplina sejam desempenhadas de um modo que esteja logicamente anterior a toda e qualquer posição religiosa (2012)⁷⁶

Ao mesmo tempo, ela não impede os compromissos religiosos intelectuais, particulares do tribunal acadêmico. Uma universidade católica, por exemplo, pode abrigar teólogos e fomentar a pesquisa conduzida não só por católicos, mas por estudiosos de uma ampla gama de tradições religiosas de maneira que possa contribuir para uma perspectiva interna assim como externa.

⁷⁴ Bernard L. Método em teologia. Tradução Hugo Langone. São Paulo: É Realizações, 2012. (p. 6-81-83).

⁷⁵ Bernard L. Insight – um estudo do conhecimento humano. Tradução de Mendo Castro Henriques e Artur Mourão. Brasil. É realizações. 2010. (p. 554-571).

⁷⁶ Bernard L. Método em teologia. Tradução Hugo Langone. São Paulo: É Realizações, 2012. (p. 93).

“Method in Theology” apresenta a teologia como uma disciplina que faz a mediação entre uma religião e uma cultura. Por um lado, há algo bem tradicional em se tratando de teologia, pois o teólogo está fazendo uso de – e interpretando uma – tradição que existe antes de si próprio. Por outro lado, há algo bastante progressista – e mesmo criativo – em se tratando de teologia, pois o teólogo precisa se apropriar da tradição no contexto presente. Na medida em que o mundo de hoje se caracteriza pelo pluralismo cultural, existem muitos contextos particulares para dentro dos quais a tradição cristã precisa ser apropriada. (2012)⁷⁷

Também, além de honrar os critérios acadêmicos padrões associados com a ciência, as ciências sociais, a história e a filosofia, teólogos necessitam se apropriar da tradição cristã em harmonia com a conversão religiosa, moral e intelectual. Falar teologicamente de uma maneira autêntica exige não só juízos intelectuais razoáveis. Inclui também o desejo de ser verdadeiramente bom assim como o de estar em contato com o dom do amor com o qual Deus inunda os nossos corações.

Ajuda tremendamente se o teólogo participa de uma comunidade de fé que se esforça a viver a sua visão de uma maneira autêntica.

O que as oito funcionalidades de Lonergan nos oferecem é um tipo de mapa da teologia como uma disciplina acadêmica. (2012)⁷⁸

Um mapa, no entanto, não é o território. Há sempre algo de abstrato em se tratando de um mapa. Na vida real, a teologia nem sempre se enquadra perfeitamente nas oito categorias que se seguem umas às outras numa ordem particular. O livro “Method in Theology” de Lonergan não apresenta uma receita que deve ser seguida com medidas precisas em passos ordenados.

“Method in Theology” realiza um serviço valioso ao explicar como a teologia pode se enquadrar dentro de um ambiente universitário. Numa época em que poucas pessoas concebem a teologia como uma disciplina unificada com muitas partes interagindo entre si, este pode ser o momento para um reavivamento desta obra. Às vezes, parece como se os departamentos de teologia atuais fossem habitados principalmente por pessoas tão centradas em suas subdisciplinas que não fazem ideia de que deveriam estar colaborando com os seus colegas em um projeto unificado e muito mais amplo. O teólogo que participa de uma comunidade de fé e se esforça a viver de maneira prática a sua visão, torna-se uma agente de

⁷⁷ Id., 2012, (p. 78-79).

⁷⁸ Id., 2012, (p. 169-189).

transformação. A proposta de Bernard Lonergan gira em torno do eixo de que a educação teológica exhibe no teólogo, frutos significativos à sociedade, religião, filosofia, história, fé, revelação, doutrina e comunidade. Em tempo, é um traçado de um mapa para a Teologia vislumbrando um novo momento sobre a educação teológica. (2012)⁷⁹

2.4 O PAPEL DO ALUNO E DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO

Entendemos que o processo de aprendizagem no contexto escolar deve-se considerar dois atores de extrema importância, o aluno como agente ativo e participativo do processo da sua aprendizagem e o professor como agente na mediação entre o aluno e a busca por novos conhecimentos. (2002)⁸⁰

Temos visto nessa pesquisa acerca das mudanças e transformações pelas quais estudantes e professores passaram e estão passando. Isso afeta diretamente nosso assunto principal, a educação teológica. A educação tem trabalhado muito sobre processo ensino-aprendizagem. Sobre isso, Pedro Demo acrescenta: “O processo de aprendizagem deve acontecer concomitantemente no aluno e no professor” e ainda, “Se quisermos melhorar a aprendizagem dos alunos, há que promover a aprendizagem do professor”. Pensando nessa afirmação é importante que o professor tenha o hábito de ler, estudar, pesquisar e elaborar, propiciando aos alunos um mecanismo que dê condições para que os mesmos consigam desenvolver uma autonomia para aprender”. (2007)⁸¹

É o aluno o responsável final pela sua aprendizagem ao atribuir significado aos conteúdos, no entanto é o professor que determina as atividades que os alunos devem desenvolver, possibilitando uma orientação adequada ao processo de construção do conhecimento. Sendo assim, fica evidenciado que o potencial de aprendizagem de um aluno constitui-se da soma da capacidade cerebral de processar as informações, com a capacidade de interação com o meio onde se está inserido em um processo intermediado pela ação pedagógica do professor.

⁷⁹ Bernard L. Método em teologia. Tradução Hugo Langone. São Paulo: É Realizações, 2012. (p. 161-162).

⁸⁰ BORGES, Inês Augusto B. Educação e Personalidade: a dimensão sócia histórica da educação cristã. São Paulo: Mackenzie, 2002.

⁸¹ Pedro D. Equívocos da educação. 2007. Disponível em: <http://pedrodemo.blog.uol.com.br>

Como já temos aludido no presente trabalho, estamos inseridos num contexto diferente de pelo menos duas décadas. Hoje as informações estão ao alcance de todos e de diferentes maneiras, não cabe mais ao professor a função de repassá-las, mas sim, de mediar a organização para que as mesmas façam sentido para os alunos. Neste contexto o professor precisa reconstruir o seu papel no processo de ensino e aprendizagem, deixar de ser o transmissor de conteúdos e atuar como mediador, criando situações significativas as que favoreçam aos seus alunos condições de se apropriar de um conhecimento.

Se um professor de Teologia não estiver ciente das mudanças, sem dúvida, transmitirá definições, conceitos e correlatos, sem princípios bíblicos e incorrerá em perigosas heresias.

A palavra que melhor define um processo de construção da aprendizagem eficiente para uma educação sadia é “interatividade”, pois dessa maneira, o professor exerce a sua habilidade de mediador das construções de aprendizagem, pois mediar é intervir para gerar mudanças por provocar o sujeito. O docente torna-se um colaborador e exerce a criatividade do seu papel de co-autor do processo de aprendizado dos estudantes.

2.5 A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E SUA SIGNIFICÂNCIA

Já temos tratado que a educação é essencial para o processo civilizatório, pois por ela o homem muda seus hábitos, pensamentos e atitudes. A humanização está intrínseca ao processo educacional. Bernard Charlot (2005)⁸² nos lembra que é na relação de troca com o outro e no conjunto de valores presentes nesta relação que o indivíduo se humaniza.

O professor é o agente que potencializa nesta troca ações práticas de experiências que contribuem na tarefa de formar seres mais humanizados para a sociedade. No que tange a educação teológica e seus desafios posteriores faz-se necessário considera a dimensão espiritual de cada indivíduo envolvido neste processo.

⁸² Bernard C. Relação com o saber, Formação de Professores e Globalização: questões para a educação hoje. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

Assim, como as Escrituras Sagradas tornam-se a fonte principal para conhecer e entender os aspectos da fé cristã a partir de Jesus Cristo, a espiritualidade é o elo que possibilita e dá entendimento, no processo educacional teológico, o sentido significando a aprendizagem formativa. Por isso, a educação cristã acrescenta seu propósito na formação teológica na práxis ministerial também. As pessoas podem se apropriar do reino de Deus a partir de uma educação cristã. Ela está nas diferentes dimensões da vida de fé e na interação social.

Entende-se por dimensão de fé a conduta, em relação a crer, confiar e fazer e aqui, podemos remeter a Schipani (1983)⁸³ em quatro dimensões, a saber:

- Seguir a Jesus Cristo, ou seja, afirmar Cristo através da participação e compromisso com a comunidade fazendo discípulos;
- Promover a transformação social a favor do Reino a partir do aumento da liberdade para ações mais humanizadas;
- Conhecer e amar a Deus como Criador, Redentor e Sustentador da vida, ou seja, reconhecer o caráter de Deus na dimensão de Seu repouso;
- Se tornar mais humano, ou seja, implica na autoafirmação, integração responsabilidade, serviço e expressão de uma identidade cristã no serviço e na prática do Reino.

Concluimos que a educação cristã oportuniza envolvimento na participação do contexto sociocultural, cria diálogos com o propósito de uma comunidade de fé, amor e esperança, sendo dessa maneira, inclusiva e nunca excludente. Sob o poder do binômio - espiritualidade e conhecimento estão os valores que norteiam nesses vinte anos o Curso de Teologia da UniFil. Busca-se com isso construir e desenvolver competências e habilidades para o ensino da fé de pessoas não apenas ligadas à comunidade religiosa, mas com a intenção primeva de contribuir para o bem estar do ser humano e a cidadania, evitando com isso o proselitismo religioso e respeitando as formas e sistemas de religiões alternativas.

Em 1999, o Ministério da Educação deu credenciamento oficial aos cursos

⁸³ Daniel SS. El reino de Dios y el ministerio educativo de la iglesia: fundamentos y principios de educación cristiana. Miami: Caribe, 1983.

de teologia em níveis de graduação e pós-graduação. Universidades católicas e protestantes começaram a se inscrever para a autorização do governo, aumentando assim o seu eleitorado de alunos. Os luteranos no Sul, Escola Teológica da EST) e os Metodistas (UMESP) e os Presbiterianos (Mackenzie Universidade) em São Paulo foram os primeiros a obter o credenciamento integral do governo. Naquela época também o Centro Universitário Filadélfia de Londrina – UniFil de abriu seu curso de teologia e teve seu status autorizado pelo Ministério de Educação. Originalmente presbiteriano em sua declaração de fé, a UniFil elaborou um currículo teológico que enfatiza a piedade e o conhecimento de perspectiva calvinista.

Em duas décadas, o Curso de Teologia da UniFil tem por proposta metodológica a construção de uma formação e currículo teológicos não apenas para o contexto de Londrina e região, mas para todo o território nacional e fora das fronteiras do Brasil.

Destarte, a teologia tem como objeto de estudo, a tradição teológica cristã, definida de acordo com a delimitação canônica das Escrituras Sagradas (Antigo e Novo Testamento), o estudo histórico-crítico desse Cânon, o estudo de várias interpretações do mesmo cânone em doutrinas, o estudo institucional e desenvolvimento da Igreja e do pensamento cristão na história, e as várias maneiras como esta tradição se solidificou na sociedade, influenciando de forma decisiva a história ocidental. (2014)⁸⁴

Os cursos de teologia buscam formar profissionais para suprir o crescente campo da atividade religiosa. É tarefa do curso de teologia dar respaldo teórico e prático para aqueles que querem se formar e administrar comunidades religiosas, da perspectiva pastoral e social. Um dos objetivos do curso de Teologia é equipar homens e mulheres, para que possam pensar criticamente sobre o mundo religioso e fazer uma contribuição efetiva para a religião e para a educação, com vistas a apresentar soluções para a crise de valores éticos na qual a sociedade moderna está inserida. A teologia da UNIFIL contribui não apenas na academia, mas sobretudo nas comunidades locais e distantes onde egressos do curso atuam. Uma pergunta que fazemos é sobre os próximos vinte anos, sobre como será ofertar uma educação teológica que continue refletindo o binômio, espiritualidade e conhecimento e isso, discutiremos no decorrer da pesquisa. (2014)⁸⁵

⁸⁴ Silas Barbosa D. A contribution to teachingliving theology. IN Brazil, tese PHD Theology Universiteit, Amsterdam, 2014.

⁸⁵ Id., 2014.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E TÉCNICOS

Neste capítulo apresentaremos o caminho metodológico percorrido. No levantamento de dados concluímos que a pesquisa é importante para a sistematização de conceitos, aproximação de diferentes áreas de investigação e do diálogo que se pode estabelecer entre a teoria e prática como veremos. Sendo assim, os procedimentos metodológicos adotados para a pesquisa realizada partiram de um raciocínio lógico dedutivo; com a finalidade explicativa. Os meios utilizados foram bibliográficos com a realização e busca de informações “in loco” (pesquisa de campo).

3.1 A NATUREZA DA PESQUISA

A pesquisa realizada foi de cunho qualitativo e do tipo etnográfica. De acordo com Chiozzotti (2014) ⁸⁶etimologicamente etnografia significa ‘descrição cultural’. A pesquisa desperta atualmente o interesse crescente dos cientistas e pesquisadores que trabalham no campo das ciências humanas e sociais. Este interesse mobiliza o debate sobre divergências ideológicas e práticas, sobre posições epistemológicas e tomadas de posição em torno de diferentes fundamentos da pesquisa. Quais são os pressupostos que balizam a pesquisa experimental com suporte quantitativo? Como conduzir pesquisas qualitativas e validar os conhecimentos obtidos com tais investigações? Como se situar nos debates e assumir formas de pesquisas que se inspiram nesta ou naquela perspectiva? Antonio Chiozzotti (2014) ⁸⁷propõe um conjunto de referências que permitem ao leitor posicionar-se nos debates, compreender os fundamentos epistemológicos, morfológicos e técnicos da pesquisa e definir o alcance e limites de cada tipo de investigação. O livro destina-se a pesquisadores em formação, aos pós-graduandos em geral e também aos alunos de ensino superior que procuram iniciar-se na pesquisa. Interessa ainda aos formadores em geral que pretendem apoiar seu ensino na pesquisa.

Observando a necessidade de orientações que os mestrandos tinham com relação às elaborações de tese ou de dissertação para mestrado, Chiozzotti, suscita

⁸⁶ Antonio C. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis, Vozes, 2014.

⁸⁷ Id., 2014, (p. 33-34).

dessa experiência um livro e o divide de tal maneira que muitas vezes se apresenta como um grande guia de como se aplicar uma pesquisa qualitativa nas suas diversas possibilidades. (2014)⁸⁸

Chizzotti divide sua literatura em partes, sendo a primeira com fundamentação histórica e filosófica sobre a pesquisa qualitativa, portanto teórica, e a segunda com apresentação detalhada e mais técnica de como pode ser feita uma pesquisa qualitativa, ou seja, como se constrói uma pesquisa qualitativa através de estratégias que o autor cuidadosamente descreve. (2014)⁸⁹

Acrescenta uma bibliografia relevante, caso o leitor queira se aprofundar sobre o assunto. Ao final do livro, encontra-se uma série de sítios da internet sobre pesquisa em ciências humanas e sociais. O autor consegue transmitir ao leitor o entendimento necessário sobre o que seja uma pesquisa, o que é ser pesquisador, as concepções que orientam a visão de mundo do pesquisador, quais os procedimentos de investigação do problema a ser pesquisado, bem como as estratégias adequadas para se desenvolver uma pesquisa qualitativa. (2014)⁹⁰

A discussão filosófica desenvolvida pelo autor sobre o surgimento histórico da pesquisa qualitativa, destacando alguns filósofos importantes e os cinco grandes marcos históricos, que promoveram mudanças socioculturais na maneira de refletir sobre as coisas, os seres e os objetos. Nesse contexto, faz um breve histórico do cenário mundial do desenvolvimento científico a partir dos séculos XVII e XVIII, com a Revolução Inglesa (1688), a Revolução Francesa, (1789) - conseqüentemente a revolução industrial com a consolidação do capitalismo -, até o século XX, em que se apresentam os grandes marcos com datas não muito precisas, mas que situam a pesquisa qualitativa dentro da evolução histórica da sociedade, focando as necessidades de cada época. (2014)⁹¹

Os conceitos de objetividade, validade, fidedignidade e rigor da pesquisa científica vão sendo transformados à medida que se começa a repensar a finalidade da pesquisa qualitativa. O movimento passa da corrente filosófica empirista, idealista, positivista, historicista até a dialética, que é o movimento que a corrente filosófica marxista preconiza. (2014)⁹²

⁸⁸ Id., (2014, p. 7).

⁸⁹ Id., 2014, (p. 83).

⁹⁰ Id., 2014, (p. 83).

⁹¹ Id., 2014, (p. 78).

⁹² Id., 2014, (p. 26).

Chizzotti destaca a importância da fundamentação teórica (epistemologia) na pesquisa qualitativa, pois esta, se encaixa em qualquer corrente ideológica, seja ela positivista, marxista, fenomenológica, construtivista, historicista ou outras. Por isso, o processo de investigação precisa ser neutro, mesmo sabendo se que o pesquisador pertence a um grupo social, a um contexto histórico, político e econômico da sociedade que determinam uma visão de mundo.

Podemos perceber aí uma certa contradição do autor, pois sabemos que muitas dessas correntes citadas são contra a ideia de que o pesquisador pode e consegue ser neutro, sendo um sujeito histórico, social e marcado por valores e ideologias. (2014)⁹³

A metodologia empregada no desenvolvimento da pesquisa é abordada por Chizzotti com enfoque qualitativo, mas não deixa de fazer uma abordagem às pesquisas de caráter quantitativo, muito utilizadas nas ciências naturais baseadas em dados mensuráveis. (2014)⁹⁴

O autor defende a pesquisa qualitativa, porém não considera inválida uma pesquisa quantitativa. Esclarece que o que faz uma pesquisa ser qualitativa é o tratamento de se analisar significativamente os dados coletados, não deixando de atender ao rigor e à objetividade que uma pesquisa exige. Atualmente, a tendência que os pesquisadores adotam é a pesquisa qualitativa, cuja metodologia permite uma maior reflexão sobre os dados e vem atendendo vários segmentos de áreas de conhecimento não só da educação. De acordo com Chizzotti, percebe-se o crescente uso da etnografia em diferentes áreas de pesquisa, tendo em vista o pressuposto fundamental: através da interação direta com as pessoas na vida cotidiana, auxilia na compreensão de suas concepções, práticas, motivações, comportamentos e procedimentos. O texto traz uma visão sócio-histórica da etnografia, ressalta o seu significado como sendo uma descrição das crenças, magias, artefatos e da organização social de um determinado grupo ou comunidade. A etnografia, no entanto, consolida-se como a descrição do conhecimento cultural do meio em que estão os informantes, pela observação e significados atribuídos às suas ações e práticas. (2014)⁹⁵

⁹³ Antonio C. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis, Vozes, 2014. (p. 78).

⁹⁴ Id., 2014, (p. 09).

⁹⁵ Id., 2014, (p. 32).

Enfatizamos que, por meio das técnicas etnográficas de observação participante e de entrevistas, é possível documentar o não documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia a dia, descrever as ações e representações de seus atores sociais, reconstruir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados. Chizzotti faz uma exposição didática, reunindo as pesquisas ativas em dois títulos: pesquisa-ação e pesquisa participativa. As pesquisas ativas possuem sentidos extremamente variados, com tipos e objetivos específicos. Apresentam, entretanto, uma raiz comum com significativas diferenças científicas e sociopolíticas. (2014)⁹⁶

A expressão pesquisa-ação não é nova no cenário das Ciências Sociais. Ela foi usada pela primeira vez por Kurt Lewin (1947)⁹⁷. Os princípios da pesquisa-ação pressupõem diversas fases espirais reiteradas de análise, pesquisa de fatos, conceituação, elaboração de planos de ação, realização desses planos, seguida de avaliação. O texto mostra que a década de 50 marcou o florescimento desse tipo de pesquisa nos dois hemisférios, embora com ênfases diferentes. No Sul, vinculada aos movimentos sociais populares, e no Norte, como forma psicanalítica, decorrente da Segunda Guerra Mundial. No entanto, nos anos 70, a pesquisa-ação ingressa em ciências sociais como um novo paradigma que reformula o conceito de mudança e que contesta os fundamentos da pesquisa tradicional e torna-se um meio de ultrapassar as muralhas que separam a pesquisa acadêmica dos problemas reais da sociedade, superando a característica positivista da “ciência pura”. (2014)⁹⁸

O autor apresenta a pesquisa participativa como um meio de mudança efetiva para a qual os sujeitos devem elaborar e trabalhar uma estratégia de mudança social. Complementa que a pesquisa assim compreendida se constitui como uma prática social, com o objetivo de modificar as circunstâncias, cabendo ao pesquisador profissional o papel de animador do intercâmbio de informações e de gerador de um novo conhecimento para melhorar uma situação dada. (2014)⁹⁹

⁹⁶ Id., 2014, (p. 33).

⁹⁷ Kurt L. Teoria de Campo em ciência social. Trad. de Carolina Martuscelli Bori. 1º ed. São Paulo: Pioneira, 1947.

⁹⁸ Antonio C. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis, Vozes, 2014. (p. 26).

⁹⁹ Id., 2014, (p. 85).

Pode-se acrescentar, também, que nesse tipo de pesquisa distinguem-se dois tipos de práticas decorrentes de seus objetivos, possibilidades efetivas e meios para sua realização: pesquisa para a ação e pesquisa pela ação. Como assinala Chizzotti, história de vida é o relato de uma experiência significativa vivenciada por um indivíduo ou um grupo colhido pelo investigador de forma oral ou por escrito, o qual ainda pode recorrer a outras fontes que tenham relação à história para complementar a pesquisa. (2014)¹⁰⁰

A biografia é uma maneira de relatar a vida de um indivíduo, narrada por outra pessoa. Normalmente, é escrita a partir de documentos e hipóteses. Acreditamos que a biografia, muitas vezes, é repleta de especulações. Quando uma biografia é escrita pelo próprio sujeito, é denominada de autobiografia. (2014)¹⁰¹

Concordamos com Chizzotti, quando afirma que nesse tipo de relato o autor pode eleger os fatos que quiser, ocultar verdades, distorcer situações. Assim, ela pode ser considerada uma fonte tendenciosa e, muitas vezes, perder sua credibilidade e autenticidade.

Para explicar a história oral o autor recorre à definição de memória. Essa análise vem recuperar as lembranças do grupo, e muitas vezes sua descrição é voltada mais para a subjetividade dos indivíduos do que para o fato em si. Ressaltamos a importância dada no texto às condições metodológicas ao se trabalhar com vidas humanas, diante de suas instabilidades, fluências e imprevisibilidades.

São descritas algumas alternativas, inclusive, para utilizar-se o método bibliográfico. Em relação à análise de conteúdo, análise de narrativa e análise do discurso Chizzotti, afirma que são documentos de qualquer natureza transformados em textos para serem analisados. Já o estudo de caso envolve um indivíduo ou algumas pessoas inseridas em um contexto real. Destacamos a crítica que o autor faz a esse tipo de pesquisa, na qual afirma que o estudo de caso não tem uma amostra que possa oferecer base para generalizações, devido a seus resultados serem fechados, específicos e restritos. (2014)¹⁰²

¹⁰⁰ Id., 2014, (p. 83).

¹⁰¹ Id., 2014, (p. 96).

¹⁰² Id., 2014, (p. 101).

Essas análises pretendem, ao retirar do texto os elementos para compreendê-los, garantir a imparcialidade objetiva. Sabemos, contudo, que a simples ação do investigador, em retirar certos elementos em detrimento de outros, não é uma atitude imparcial, mas guiada pelo seu olhar, que é imbuído de pré-conceitos, valores, ideologias e anseios. Chizzotti, afirma que essas análises precisam ser interpretadas em um contexto histórico, social, cultural e político.

Em suma, Chizzotti, alavanca dois tipos de abordagens: epistemológicas - resgatando concepções filosóficas e teóricas -, e abordagens mais técnicas - definindo passo a passo como proceder na pesquisa. Nesses momentos a estrutura do texto é em forma de itens, elencando as sequências a serem seguidas, como um autêntico manual. É importante destacar ainda, que a classificação apresentada pelo autor não é consensual pelos pesquisadores que abordam essa metodologia, havendo diferenças nas análises e nomenclaturas propostas por outros autores. (2014)¹⁰³

3.2 HISTÓRIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO FILADÉLFIA DE LONDRINA

Figura 1 - Visão panorâmica – CESULON – 1999



Fonte: acervo de dados da pesquisa (2021).

¹⁰³ Antonio C. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. 6º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Figura 2 – Antiga fachada – CESULON 1999



Fonte: acervo de dados da pesquisa (2021).

Figura 3 – Postagem na Folha de Londrina – CESULON – 1999

09 DE JANEIRO DE 1999

Cesulon realiza concurso extra e oferece 133 vagas...


 Ouvir: Cesul 0:00 áudio





A prova única do Processo Seletivo será realizada em 3 de fevereiro. Inscrições abertas entre os dias 25 e 30 de janeiro. Primeira instituição de ensino superior a modificar as regras do Vestibular em Londrina, adotando a análise do histórico escolar como avaliação complementar para a classificação, o “Cesulon também foi pioneiro na implantação dos cursos de Enfermagem, com enfoque em obstetria, de Nutrição e Arquitetura e Urbanismo, em Londrina”, argumenta o diretor geral do Centro de Estudos, Eleazar Ferreira (foto).

Últimas notícias
 Pela primeira vez, quatro mulheres comandam a diretoria do HU de Londrina

Fonte: Folha de Londrina (1999) <https://www.folhadelondrina.com.br/cadernos-especiais/cesulon-realiza-concurso-extra-e-oferece-133-vagas-116461.html>

Figura 4 - Antiga fachada – CESULON 2000



Fonte: acervo de dados da pesquisa (2021).

Figura 5 - Formatura do Curso de Teologia – Turma de 2003 – ano 2006



Fonte: acervo de dados da pesquisa (2021).

Figura 6 - Mensagem do Chanceler e Professor de Teologia da Missão Urbana e Homilética, Dr. Osni Ferreira – 2006



Fonte: acervo de dados da pesquisa (2021).

Figura 7 - Formatura do Curso de Teologia – Turma de 2016 – ano 2018



Fonte: acervo de dados da pesquisa (2021).

Figura 8 - Formatura do Curso de Teologia Ginásio de Esportes Moringão/Londrina – Turma de 2017 – ano 2019



Fonte: acervo de dados da pesquisa (2021).

Figura 9 - Professor e Coordenador de Teologia da UniFil Emerson Cláudio Mildenberg e o Professor e Chanceler da UniFil, Dr. Osni Ferreira – ano 2019



Fonte: acervo de dados da pesquisa (2021).

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Para a realização da pesquisa os sujeitos escolhidos não foram feitos de maneira aleatória. A partir de busca nas pastas e nos arquivos do banco de dados e, com a colaboração dos profissionais do setor de Tecnologia da Informação da UniFil foi selecionado ex-alunos desde o início do curso de Teologia desta Instituição. Nesse caso, entendemos que, de acordo com Chizzotti (2014)¹⁰⁴ “[...] na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam.”

Portanto, a manutenção do critério de ex-alunos e com o auxílio do questionário como uma ferramenta pedagógica para as entrevistas, foi possível coletar os elementos qualitativos da análise. As contribuições dos sujeitos seriam como as “vozes” das percepções sobre a educação teológica do ontem e do contemporâneo. Ainda de acordo com o Chizzotti (2014) ¹⁰⁵ sobre as pessoas-fontes, aponta que “[...] pela sua participação ou pelo estudo, adquiriram competência específica sobre um determinado problema.”

Sendo assim, podemos ainda considerar que estas testemunhas através de suas percepções e análises podem elucidar aspectos por vezes não observáveis no primeiro momento, mas que podem contribuir para a pesquisa e o resgate histórico, sendo no caso, relacionado ao foco específico desta pesquisa sobre a educação teológica.

Foram convidados vinte ex alunos, sendo dez mulheres e dez homens escolhidos no decorrer do período (vinte anos de Teologia da UniFil). De todos os participantes, sete não devolveram o questionário, restando treze participantes que contribuíram com a entrevista escrita e atenderam a três encontros previamente agendado.

¹⁰⁴ Antonio C. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. 6º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (p. 83).

¹⁰⁵ Id., 2014, (p. 16).

3.4 INSTRUMENTO DA PESQUISA

A abordagem foi qualitativa, sendo utilizado como instrumento um questionário estruturado com cinco questões “abertas” visando buscar através das perguntas e da narrativa escrita resgatar elementos da experiência de cada ex-aluno(a) quanto a educação teológica em seu tempo como acadêmico (a), bem como as mudanças sofridas até o tempo hodierno.

De acordo com Chizzotti (2014) ¹⁰⁶“O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado.”

Sendo assim, o universo da pesquisa foi caracterizado por ex-alunos (as) que estudaram na UniFil e que puderam através da narrativa escrita expressar elementos subjetivos, de observação própria e que lhes trouxeram um significado bem como reflexão sobre a educação teológica e suas metamorfoses, por assim dizer, pelas quais passaram no decorrer dos últimos anos.

3.5 COLETA DE DADOS

A pesquisa é resultado e um questionário aplicado com cinco perguntas, abertas a ex-alunos do curso de Teologia da UniFil e que hoje, estão atuando ou não, em seus respectivos ministérios. O questionário, na pesquisa e no contexto, é “[...] um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. (1991)¹⁰⁷

Por isso, o questionário foi aplicado, sem interferência do entrevistador, enviados através dos meios de comunicações disponíveis (whatsapp, e-mail) e, em outros momentos, encontros para um café e diálogo sobre todo a pesquisa. Para encontra-los (as), foi feito um levantamento acurado e criterioso, no sentido de avaliar o ano em que o entrevistado cursou Teologia na UniFil, a denominação (conservadora ou pentecostal) e houve uma divisão igual para cada gênero – dez homens e dez mulheres, com o intuito de absorver as mais variadas informações

¹⁰⁶ Antonio C. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (p. 79).

¹⁰⁷ Eva ML; Marina de AM. Fundamentos de metodologia científica. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. (p. 201).

sobre a leitura de cada qual no que tange ao momento que envolve a educação teológica presente. Visitamos as Igrejas, quando o contato não foi possível via ligação telefônica e/ou amigos, conhecidos, parentes e pessoas que estão debaixo do mesmo teto eclesiástico e o envio do questionário, teve prazo estabelecido para a devolução, a saber, quinze dias a partir da data de recebimento por parte do entrevistado.

Tivemos algumas negativas em todo o processo, tal qual, o não retorno do questionário por razões diversas. Em um novo contato, alguns entrevistados alegaram falta de tempo, não saber o que responder e até mesmo um sentimento cético no que diz respeito a Igreja e a educação teológica. Em virtude de todo o trabalho de seleção para se levantar os entrevistados, não houve deliberação para substituição por outro (a) estudante no mesmo período.

3.6 PARTICIPANTES DA PESQUISA (EX ALUNOS)

Quadro 1 - Nomes dos ex alunos entrevistados

Entrevistado	Categoria	Período	Formação
Adalton Deboit Tomaz	Ex aluno	2010 – 2013	Pastor - tempo integral
Adriano Masiero Neto	Ex aluno	2015 – 2018	Profissional secular
Andrea Silveira	Ex aluna	2008 – 2011	Pastora - tempo integral
Valdiney G. de Oliveira	Ex aluno	2006 – 2009	Profissional secular
Tânia L. Azevedo da Silva	Ex aluna	2016 – 2018	Pastora – tempo integral
Desiel Julio de Oliveira	Ex aluno	2007 – 2010	Pastor - tempo integral
Dirley Soares dos Santos	Ex aluno	2008 – 2010	Pastor - tempo integral
Elidiane Mattos Rickli	Ex aluna	2015 – 2017	Profissional secular
Heloisa H. D. Bezerra	Ex aluna	2007 – 2009	Pastora - tempo integral
Joanice Costanzi	Ex aluna	2018 – 2020	Sem Igreja
José L. Brandão Neto	Ex aluno	2007 – 2010	Pastor - tempo integral
Patricia Oliveira	Ex aluna	2015 – 2017	Profissional secular
Paulo Ken Sugawara	Ex aluno	2012 – 2015	Pastor - tempo integral
Rafael de Sousa Plath	Ex aluno	2018 – 2020	Profissional secular
Sérgio Ricardo Saffiotti	Ex aluno	2016 – 2018	Profissional secular

Fonte: acervo de dados da pesquisa (2021).

De acordo com o resultado dos questionários (anexo) bem como do diálogo estabelecido com os entrevistados, nota-se características dispareas entre todos (as), como veremos a seguir.

3.6.1 Entrevista 1

O pastor titular da Igreja Presbiteriana do Brasil em Assaí, Adalton Deboit Tomaz, põe em relevo ao aspecto acadêmico, usando de maneira dual pontos positivos e negativos em suas respostas, ou seja, ele encontra o lado concordante pelo ponto de vista da educação teológica, mas não deixa de citar o lado contrário. Se por um lado, a teologia melhorou na conceituação, definição e profundidade, bem como, atua com um viés pastoral na sociedade, por outro lado, o Ensino de Teologia sob poder do Ministério de Educação e Cultura (MEC) do Governo Federal Brasileiro, empodera ateus para ministrarem aulas, e isso, coloca em risco princípios inegáveis das Sagradas Escrituras. O pastor Adalton, ainda reflete sobre uma ousadia necessária no presente da Teologia em campo sócio político. Para o pastor aquele que tem formação em Teologia não precisa atuar somente no ministério eclesialístico, mas, podem ser, "... agentes de atuação na cura, tanto emocional como relacional". Em suma, e de acordo com o ex aluno e atual pastor titular em tempo integral na Igreja, há dois lados no que diz respeito a educação teológica, a saber, mudou para melhor, mas deixa a desejar em algumas frentes.

3.6.2 Entrevista 2

Para Adriano Masiero Neto, ex aluno e membro da Primeira Igreja Batista de Londrina, sua experiência foi boa na qualidade de acadêmico, porém poderia ter sido melhor. Ele argumenta, que se faz necessário mais tempo para desenvolver com precisão os fundamentos da Teologia e que, pelo fato do curso ser reduzido para três anos, a educação teológica sofre danos. Em suas palavras, a Teologia "...teria que ser por vocação e isso envolve tempo de estudo e maturação das ideias. Reduzir o curso é estreitar o conhecimento, conclui o profissional secular Adriano.

Quanto ao reconhecimento do curso de Teologia pelo MEC, Adriano afirma que o curso livre de Teologia ainda tem vantagens, pois proporciona conteúdos sem se preocupar com algumas barreiras. No MEC, há a facilidade de continuar os estudos com o reconhecimento necessário para progredir academicamente, entretanto, o MEC forma teólogos. Há teólogos sem graduação que domina a disciplina com mais facilidade de que alguns teólogos com especialização do MEC.

Para Adriano, que não é pastor ordenado, mas membro de Igreja, a educação acadêmica teológica está focada mais nos cursos práticos envolvendo liderança e Coaching e menos na formação do pensamento dogmático. Saber ler os tempos é o desafio do teólogo no presente e isso não significa uma conformação que fira a antropologia cristã em nome de uma filosofia, afirma Adriano.

3.6.3 Entrevista 3

A ex aluna Andrea Silveira, pastora ordenada e em tempo integral da Igreja Bola de Neve de Londrina, critica à educação teológica em virtude das redes sociais e em razão de todos terem “voz” no mundo virtual. Percebe-se que suas respostas frente as perguntas do questionário são evasivas e desencontradas. Em conversa com a Andrea, percebe-se um rasteiro conhecimento teológico com um forte viés prático emocional. Suas respostas não acrescentaram muito para a presente pesquisa.

3.6.4 Entrevista 4

Prosseguindo com a análise dos entrevistados e selecionados para essa pesquisa, aludimos ao ex aluno e presbítero Valdiney Gomes de Oliveira, da Igreja Presbiteriana Ágape de Londrina.

Para Valdiney, conhecimento e prática teológica caminham juntos e sua experiência acadêmica orbitou nessa esfera. Valdiney acredita que foram poucas as mudanças ocorridas pelo tempo no que diz respeito a educação teológica (aqui, percebe que o ex aluno deixou de observar as mudanças ocorridas no tempo, porque é fato que houve mudanças significativas na educação teológica). Contrariando outros envolvidos na pesquisa, Valdiney, afirma que, em razão do curso de Teologia ser reconhecida pelo MEC houve uma busca maior por parte de muitos pastores e líderes religiosos por ser um curso superior e com diploma tendo valor acadêmico. No que tange a expansão da Teologia o ex aluno e atual presbítero Valdiney afirma que “não existe um limite pré determinado para o ensino da Teologia, pelo contrário, deve-se cada vez buscar a compreensão entre a bíblia e o tempo presente e o que nos aguarda no futuro. A Teologia como ensino deve despertar no indivíduo que busca um conhecimento aprofundado na ligação entre

Reino de Deus, igreja e o tempo presente, e perspectiva futura”, conclui Valdiney.

3.6.5 Entrevista 5

Em nossa jornada investigativa, mencionamos a ex aluna Tânia Lamônica Azevedo da Silva, pastora ordenada e pertencente a Igreja Casa de Oração Para Todos os Povos de Londrina.

Ela resume sua experiência como acadêmica como “boa” e afirma que a regulamentação feita pelo MEC, dá mais credibilidade, seriedade ao ensino Teológico, visto que para a maioria das profissões é exigido um curso superior. A educação acadêmica teológica para a Tânia tem um viés material, e, portanto, um perigo, pois compromete o evangelho puro e bíblico. A Igreja tem sofrido influências e em alguns casos, grandes mudanças. Devido ao grande acesso à internet, e há pouco interesse dos cristãos em ler, e disposição em aprender, aceitam qualquer doutrina como se fosse a bíblica, argumenta Tânia. Quanto a expansão no ensino da Teologia em tempos pós humanos a Tânia, afirma que não há limite! O Evangelho, que é a matéria prima para o ensino Teológico, deve alcançar a todos, sem exceção de raça, cor, localidade e deveria chegar a todos.

3.6.6 Entrevista 6

O próximo nesse cenário é o esposo da Tânia, Desiel Julio de Oliveira. Desiel também é pastor em tempo integral na mesma Igreja. Coursou teologia na UniFil antes de sua esposa e suas respostas refletem outro entendimento sobre a educação teológica e suas mudanças nos últimos vinte anos. Para o Desiel, a principal experiência foi a de obter e ampliar conhecimento teológico, que é uma ferramenta para o ministério pastoral fundamental. A regulamentação do curso pelo MEC, trouxe credibilidade para a academia que quer fazer da forma correta e trouxe ainda o reconhecimento do labor teológico como ciência e o reconhecimento aos que se dedicam ao mesmo, visto que há muitos, até com sincera piedade, que não dão valor ao conhecimento teológico e estão vivendo e ensinando equívocos. A educação acadêmica teológica no tempo presente, sofre pelo efeito cultural, onde o pragmatismo e a urgência sobrepõem a preparação teológica com paciência e isso é negativo. A igreja do século XXI é uma igreja imediatista, que quer resultados

rápidos e, por isso, acaba vivendo a experiência da fé de uma forma rasa. É próprio deste tempo a falta de profundidade, as frases de efeito, as novidades e a sede por resultados; vivemos no tempo dos direitos das pessoas, dos clientes, e a igreja absorveu muito desta realidade, argumenta Desiel.

Quanto a expansão no ensino da Teologia, Desiel afirma que a tecnologia abriu as fronteiras do mundo, e, então para expandir não há limitações. O que pode ficar limitado é justamente o aspecto da pergunta anterior, ou seja, ela pode se limitar a falar de teologia para as pessoas de um ponto para vários outros, podendo não atingir ao entendimento, formas de educação, ambiente, ministério e família de alguém que está em outra cultura.

3.6.7 Entrevista 7

O ex aluno, pastor auxiliar e ordenado, Dirley Soares dos Santos, da Igreja Assembleia de Deus Missões, afirma que sua experiência como acadêmico do curso de Teologia foi a mudança de conceitos em relação a outros ministérios, ou seja, o entendimento da igreja como corpo de Cristo e que Deus não está preso aos conceitos religiosos, mas, que o Espírito Santo é Quem nos tem, como disse, Karl Barth: *“é como vento, não somos nós que temos Ele é Ele que nos tem”*. Depois da regulamentação do curso pelo MEC, Dirley afirma que há prós e contra: o que é favorável é o academicismo que melhorou consideravelmente, mas que por outro lado, há o perigo de lucros apenas, bem como abordagens que estão à margem da teologia pura.

A expansão no ensino da Teologia no tempo presente, ficará relativizada de acordo com a necessidade do homem.

Entende-se a partir das respostas e da entrevista com o Dirley, que sua leitura acerca da educação teológica, lembra economia, a saber: oferta é a quantidade de um produto ou serviço disponível para compra; por seu turno, demanda, é a quantidade de produtos ou serviços que os consumidores estão dispostos a comprar. Quando a demanda é maior do que a oferta, os preços dos produtos tendem a subir, já que os consumidores se dispõem a pagar mais para obter um determinado item. Por outro lado, quando a oferta é maior do que a demanda, os preços tendem a cair.

3.6.8 Entrevista 8

Outra ex aluna, que contribuiu com a pesquisa por meio do questionário e de entrevista, foi Elidiane Mattos Rickli. Elidiane pertence a Igreja Presbiteriana do Brasil Central de Londrina e afirma que sua experiência com a Teologia foi algo maravilhoso, bem como com a UniFil. Segundo Elidiane, a Instituição e seus professores são qualificados e principalmente, fieis a Palavra de Deus. Ela evita responder sobre a regulamentação do MEC, visto que não conheceu o ensino da Teologia antes de seu reconhecimento. A educação acadêmica teológica para a Elidiane deve se manter fiel aos princípios das Escrituras e nada mais.

O que compreendemos de acordo com as respostas da Elidiane e da entrevista, é que seu entendimento sobre a teologia e a educação teológica são praticamente a mesma coisa; sua linguagem tem propensão mais eclesiástica a acadêmica, portanto, a Elidiane demonstrou que sua ênfase é prática e pastoral.

3.6.9 Entrevista 9

A ex aluna Heloisa Helena Duarte Bezerra também participou contribuindo dessa maneira com essa investigação. Ela pertence a Igreja Nova Aliança de Londrina, não é ordenada ao ministério e trabalha secularmente. Sua experiência foi a renovação da mente, a partir dos saberes teológicos, em relação ao senso comum. Dessa maneira a Heloísa deixou de ser leiga na compreensão da bíblia e em sua prática. Também no exercício do trabalho com crianças da casa lar NUSELON, em atendimento pastoral com crianças em situação de vulnerabilidade, e na igreja, realizando pregações e orações foi e tem sido de grande importância. As mudanças com a regulamentação do curso junto ao MEC foram significativas. Pois a validação e o aceite do curso de Teologia valendo como certificação para contagem de pontos em cursos de pós-graduação, em processos de teste seletivo, bem como o acesso dos alunos de Teologia, pastores, missionários e mestres, permite oportunidade de ingressar em vários âmbitos estudantis, escolas e universidades com a certificação reconhecida. A educação acadêmica teológica contemporaneamente mudou e hoje há ofertas de muitos cursos livres com pouca carga horária e certificados rápidos, o que empodera pessoas rasas que comprometem o ensino teológico de qualidade. A expansão do ensino da Teologia não há limites, segundo Heloisa. pois a Teologia

contém a resposta para o sonho da superação dos limites físicos, através do caminho redentor do Corpo.

3.6.10 Entrevista 10

A participação da Joalice Costanzi foi muito interessante. A Joalice não pertence a nenhuma denominação eclesial, não foi ordenada e trabalha secularmente. Sua principal experiência como acadêmica de Teologia, foi reconhecer o enfoque em Jesus Cristo como Senhor e Salvador. O ensino da Teologia após ter sido regulamentado pelo MEC ficou mais didático e mais formal e sua ênfase deve ser os princípios bíblicos. Para a Joalice, a expansão do ensino da Teologia depende da separação da Teologia acadêmica e da vida prática com Jesus. Em suas palavras, “Teologia é uma coisa, a vida com Jesus Cristo é outra”.

Concluimos que a Joalice evidencia muito mais a área pastoral e assinala com menor alarde a educação teológica acadêmica. Suas respostas foram curtas e nas entrelinhas, nota-se um viés metafísico que fica orbitando na salvação em Cristo.

3.6.11 Entrevista 11

José Luiz Brandão Neto, ex aluno e pastor titular em tempo integral na Igreja Presbiteriana do Brasil de Ibiporã, alude sua experiência como excelente no sentido da Pesquisa de Livros nos trabalhos acadêmicos, e que proporcionou um crescimento muito grande no conhecimento geral da história cristã. Estudos das línguas originais, foram de suma importância para melhorar estudos e pregações.

O ensino da Teologia após a regulamentação pelo MEC mesclou o ensino de Teologia em virtude de abrir possibilidades para todas as denominações e credos terem acesso a sala de aula. A educação acadêmica teológica mudou muito rápido, na opinião do pastor José Brandão e está muito voltada para as necessidades do homem do que da suficiência de Deus para a humanidade. A igreja do nosso século começou a mudar com a pandemia. Ela se tornará mais presente nas mídias, porém, ausente dos contatos físicos, o que a levará para o esfriamento global.

Os aconselhamentos pessoais, já escassos, desaparecerão, tornando o interesse pelo sagrado muito frio e distante de Deus. A expansão no ensino da

Teologia para Brandão não poderá alcançar cibernéticos, muito menos o virtual, ou qualquer outro tipo de ser que vai perdendo a estrutura de sua alma vivente. É impossível ensinar aquilo que não pode ter recepção do ensino. a humanidade caminha para o prático, rápido e individual, e no meio de tudo isto não haverá muito tempo de falar de um Deus invisível que quer se comunicar e comungar com as pessoas. À medida que o mundo perde sua humanidade e cria substitutos sem a essência divina, não haverá mais a quem falar de Deus, complementa o pastor Brandão.

No caso do ex aluno e pastor titular em tempo integral José Brandão, nota-se sua leitura de uma realidade bem presente no século XXI no que tange a espiritualidade, educação teológica e prática ministerial. Ao que parece, o pastor José Brandão não está otimista com o futuro da educação teológica.

3.6.12 Entrevista 12

A próxima entrevistada e participante da pesquisa é Patrícia Oliveira. Sua igreja de conversão foi a Assembleia de Deus. Entretanto, a Patrícia não frequenta mais a igreja Assembleia de Deus e nenhuma outra. Não foi ordenada ao ministério e não trabalha secularmente.

Sua experiência como acadêmica de Teologia, de acordo com seu depoimento, foi ver e sentir na pele falsidade e covardia por parte de pessoas que tinham títulos como pregadores, palestrantes cristãos e que eram chamados de professores. Muito decepcionante para a Patrícia. Ela é taxativa quando responde sobre a regulamentação do curso junto ao MEC, afirmando que não mudou nada. A educação acadêmica teológica contemporaneamente não passa de “blábláblá”. A expansão no ensino da Teologia para a Patrícia será relativa, dependendo de quem ensina.

No caso da Patrícia, fica evidente certo ceticismo com a Teologia, com pregadores, com a educação teológica e com a Igreja na qualidade de congregação de crentes. Percebe-se em suas palavras certa revolta em virtude daquilo que ouviu no decorrer dos anos. Grosso modo, o que concluímos é que a Teologia, a educação teológica, professores, pastores e a igreja, para a Patrícia, gira em torno do que ela pensa em seu próprio mundo existencial.

3.6.13 Entrevista 13

Outro ex aluno é Paulo Ken Sugawara. O Paulo é pastor auxiliar ordenado em tempo integral na Igreja Presbiteriana do Brasil Boas Novas de Londrina. Sua experiência como acadêmico de teologia foi “preciosa” (em suas palavras) principalmente nas disciplinas “Missão Urbana” com o Prof. Dr. Osni Ferreira, Homilética e Hermenêutica com o Prof. Dr. Silas Barbosa Dias e Coaching e Liturgia do Culto Cristão com o Prof. Dr. Mário Antônio da Silva. A regulamentação do curso pelo MEC, segundo o pastor Paulo, melhorou na qualidade para docentes e discentes. A educação acadêmica teológica do presente, melhorou muito, segundo o pastor Paulo, pois essa nova safra de pastores e pregadores são muito bons e são reflexo disso. Com relação a expansão do ensino de teologia, o pastor Paulo não respondeu alegando que não houve uma compreensão total da pergunta. Quando o indaguei se gostaria de responder após minha explicação, ele preferiu deixar sem responder.

Verifica-se que o pastor Paulo absorve somente pontos positivos e relevantes do questionário e da entrevista. Sua experiência é indicada na prática tanto do ponto de vista acadêmico quanto pastoral.

3.6.14 Entrevista 14

Rafael de Sousa Plath, ex aluno e recentemente formado no curso de Teologia da UniFil também participou e deixou as seguintes considerações:

Pertencente a Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Não é pastor ordenado e trabalha secularmente, estando envolvido com o ministério de música da Igreja. Sua principal experiência com a vida acadêmica em teologia foi o contato mais profundo com as diversas vertentes teológicas existentes além do convívio denominacional e informações mais aprofundadas sobre os diversos temas bíblicos. Após a regulamentação do curso pelo MEC foi a adoção de uma postura metodológica mais científica e menos espiritual como acontece nos seminários teológicos livres.

A educação acadêmica e teológica se faz altamente necessária no contexto da igreja do Século XXI, pois, assim como nos dias dos apóstolos, muitas heresias têm surgido e tumultuado o ensino da verdade. A teologia se faz necessária no

sentido de correção, orientação e correto direcionamento das comunidades cristãs em direção à verdade bíblica, argumenta Rafael. Para Rafael a expansão no ensino da Teologia depende das condições próprias da sociedade. Se houver investimento progressivo e com o ensino remoto, serão desconhecidas as fronteiras para a educação teológica.

3.6.15 Entrevista 15

O Sérgio Ricardo Saffiotti, da Igreja Assembleia de Deus, não é ordenado e é profissional no mercado de trabalho e não está envolvido com nenhum ministério, chamou a atenção para sua principal experiência na vida acadêmica na qualidade de estudante de Teologia da UniFil, fica por conta do conhecimento da forma de interpretação da Bíblia por meio exegético. Isso forneceu uma visão melhor do conhecimento de Cristo e o aprendizado por meio de ferramentas e metodologias que trouxeram outra visão sobre o mundo e sobre Deus em suas concepções e visão de mundo foram alteradas após a teologia.

A regulamentação do curso pelo MEC trouxe para o ensino teológico aspectos sociais e pedagógicos que não estavam na pauta da teologia e com isso houve um aumento do conhecimento do aluno de teologia sobre assuntos que outrora eram de outras disciplinas.

A educação acadêmica teológica sofre com o fenômeno de desinteresse pelo conhecimento, visto que a informação se encontra na palma da mão, e a maioria dos alunos possuem de maneira muito acessível a tecnologia celular e a informação rápida e isso gerou esse fenômeno de desinteresse pela pesquisa e busca do conhecimento. A igreja do mesmo modo, a bíblia na sua essência tem sido deixada de lado e as pessoas tem se orientado muito mais pelas pregações, do que pelo conhecimento das Escrituras.

Quanto ao limite e expansão no ensino da Teologia, para o Sérgio, sofre alterações na forma de busca do conhecimento do ser humano, visto que com a tecnologia e a informação acessível de forma rápida, as pessoas não encontram mais tempo de buscar o conhecimento em pesquisas e na leitura e os smartphones tem substituído os livros e o entretenimento tem tomado tempo e isso possui um viés negativo.

3.6.16 Roteiro de perguntas – ex alunos

Para a realização da pesquisa utilizamos um questionário com cinco perguntas, abertas e organizada de maneira a entender dos entrevistados como foi o processo de estudo de acordo com sua ótica para o contexto no ano que cada qual estudou Teologia na UniFil. As perguntas infracitadas, foram elaboradas em parceria com o jornalista Ricardo do departamento de jornalismo e marketing da UniFil. O roteiro de questões referentes ao assunto, segue abaixo:

Quadro 2 – Roteiro de perguntas da pesquisa (ex alunos)

Nome completo: Denominação que pertence: Pastor/a ordenado/a () Sim () Não () – Pastor/a titular () – Pastor/a auxiliar () – Pastor/a Sênior () – Outro Quanto tempo possui de ministério? Trabalha secularmente? () Sim () Não
ITENS A SEREM RESPONDIDOS
1 - Qual foi sua principal experiência como acadêmico de Teologia e em sua opinião, quais as mudanças sofridas pela Educação Teológica nos últimos vinte anos?
2 - Em sua opinião, o que mudou no ensino de Teologia após ter sido regulamentado pelo MEC?
3 - Como você analisa a educação acadêmica teológica contemporaneamente e como é a Igreja do Século XXI?
4 - Qual a influência dos aspectos externos (educação, ambiente, ministério e família) na formação em Teologia como curso superior?
5 - Qual o limite e expansão no ensino da Teologia em tempos pós humanos?

Fonte: acervo de dados da pesquisa (2021).

3.7 PARTICIPANTES DA PESQUISA (EX PROFESSORES E PROFESSORES ATUAIS)

Quadro 3 - Nomes dos ex professores e professores atuais

Entrevistado	Categoria	Período	Formação
Dr. Osni Ferreira	Professor	1998 – atual	Doutor em Teologia
Ma. Denise M. A. de Souza	Professora	2004 – atual	Mestra em Educação
Dr. Jeremias Klein	Professor	2001 – 2006	Doutor em Teologia

Fonte: acervo de dados da pesquisa (2021).

De acordo com o resultado dos questionários (anexo) bem como do diálogo estabelecido com os professores entrevistados, nota-se características dispareces entre todos (as), como veremos a seguir.

3.7.1 Entrevista 1

Professor e chanceler da UniFil, o Dr. Osni Ferreira, em sua experiência primeva como docente, foi excelente em razão de ver o crescimento intelectual e espiritual do aluno pelo fato de alcançar crescimento teológico, bíblico e maturidade acadêmica. Entretanto com o advento do ensino online, se perdeu muito a convivência do professor e com colegas de classe e isso muda o sentido na realidade da teologia. Os relacionamentos foram se enfraquecendo. No que se refere a regulamentação do curso pelo MEC, para o Dr. Osni, existe uma cobrança maior e isso obriga a Instituição a ser mais acadêmica e exigente, bem como dispor de mestres e doutores para o ensino, o que antes não precisa, e, por isso, foi um tanto quanto amador, infelizmente.

A educação acadêmica teológica, com o avanço da tecnologia acobreja desse século está muito mais aparelhada para usar as mídias sociais como uma grande estratégia para a evangelização. A igreja sonolências ser aguerrida e treinar adequadamente o seu rebanho, argumenta o Dr. Osni.

A educação teológica sofre as influências recorrentes e que estão em voga nas culturas, e quanto ao limite e expansão do ensino da Teologia, a internet diminui drasticamente os espaços oportunizando mais possibilidades de expansão.

3.7.2 Entrevista 2

A professora Denise Martins Américo de Souza afirma dentro de sua principal experiência foi enxergar no espaço da docência caminhos para uma educação holística.

As mudanças que vi nos últimos 20 anos foi perceber que muitos chegavam sem estar vocacionados. O foco passou a ser o diploma para apresentar na denominação a qual servia. Quanto a regulamentação do curso pelo MEC, a professora Denise afirma que a organização e reconhecimento do estudo teológico como acadêmico e sistematizado dentro de uma lei educacional, é interessante.

Porém, alunos que realizavam o curso, antes da regulamentação, não eram reconhecidos como alguém que realizou um curso superior.

Outro aspecto positivo da regulamentação do MEC é que muitas instituições realizavam trabalhos de formação de maneira exemplar, porém não conseguiam se diferenciar das instituições que faziam isso de forma mais breve e sem muito rigor acadêmico. O aspecto negativo foi que o curso teológico passou a ser mercadológico deixando ainda mais de lado a formação vocacional necessária para atuação no campo ministerial.

Na educação acredito que há interesse e preocupação em atender as demandas da igreja. Porém, o que muitas vezes ocorre é que nestas demandas o indivíduo fica de lado e o foco passa a ser a instituição criando modelos para ser seguido. Apesar da igreja se colocar como agente de cuidados, ela acaba deixando a desejar na realização do papel principal que é o acolhimento, caridade e espiritualidade, argumenta a professora quanto a educação teológica. Os aspectos externos, tais como educação, ambiente, ministério e família na formação em Teologia, como curso superior, vê a professora Denise, como algo que sempre mudam porque a sociedade está em constante movimento.

O que acredito ser necessário é a formação teológica ter em sua base elementos que sustentam uma formação capaz de atender às diferentes demandas da sociedade. Quanto ao limite e expansão no ensino da teologia, a professora Denise é enfática em afirmar que não há limite para expansão. “Acredito que o ensino teológico é necessário para dialogar com as demais ciências principalmente em tempos pós humanos, onde tecnologia, inteligência artificial, projeções e especulações sobre o futuro estão presentes.

O ensino de Teologia pode ser uma oportunidade para que o entendimento neste campo ocorra de maneira mais humanizada e coesa com o ser humano”.

3.7.3 Entrevista 3

Por fim, o professor Dr. Carlos Jeremias Klein, deixou o seguinte registro:

Prezado prof. Emerson Mildenberg,

Quero expressar meu desejo que você continue com essa disposição para trabalho e estudos acadêmicos!

Bem, peço escusas por talvez desapontá-lo na presente solicitação. Acho que estou um tanto pessimista com os rumos que me parece estar tomando diversos cursos de teologia no Brasil, talvez também em outros países. Pelo que sinto, uma onda de obscurantismo, de negação das conquistas científicas, parece pairar no horizonte. E tal onda parece aprofundar no momento no campo educacional, como se observa em algumas nomeações no próprio MEC.

Gostaria que você pudesse me ligar novamente, pois o considero entusiasmado e isso é muito bom!

Um abraço humano!

Prof. Carlos J. Klein ¹⁰⁸

3.7.4 Roteiro de perguntas – ex professores e professores atuais

Quadro 4 – Roteiro de perguntas (ex professores e professores atuais)

Nome completo: Denominação que pertence: Pastor/a ordenado/a () Sim () Não Formação e titulação: () – Pastor/a titular () – Pastor/a auxiliar () – Pastor/a Sênior () – Outro Quanto tempo possui de ministério? Quanto tempo possui de docência?
ITENS A SEREM RESPONDIDOS
1 - Qual foi sua principal experiência como docente de Teologia e em sua opinião, quais as mudanças sofridas pela Educação Teológica nos últimos vinte anos?
2 - Em sua opinião, o que mudou no ensino de Teologia após ter sido regulamentado pelo MEC?
3 - Como você analisa a educação acadêmica teológica contemporaneamente e como é a Igreja do Século XXI?
4 - Qual a influência dos aspectos externos (educação, ambiente, ministério e família) na formação em Teologia como curso superior?
5 - Qual o limite e expansão no ensino da Teologia em tempos pós humanos?

Fonte: acervo de dados da pesquisa (2021).

¹⁰⁸ Mensagem recebida por e-mail: 28 de março de 2021.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

Como participantes da pesquisa, foram selecionados ex alunos e alunos contemporâneos, bem como professores, a saber, três, sendo dois homens e uma mulher, de quadros anteriores e professores do atual colegiado. Alguns dos ex alunos atuaram no ministério logo após a conclusão do curso, mas que deixaram a vocação ministerial para se dedicarem ao trabalho secular.

Isso também ocorre com professores, que no início do curso de Teologia da UniFil, estavam envolvidos com a docência, mas que com o passar dos anos, deixaram-na para se aplicarem em outras frentes profissionais e ministeriais. Houve encontros formais, bem como um café juntos para melhor absorver informações e experiências.

Na pesquisa, procuramos explicar os resultados da coleta obtida nos encontros com as pessoas mencionadas acima. Somente assim, haveria condições de se compreender e entender a respeito do assunto estudado nesta investigação, fazendo conexões diretas com os autores supracitados.

Por meio dessas ferramentas, pudemos obter a resposta quanto ao assunto principal sobre a pergunta, que norteia a presente pesquisa: “Vinte anos de educação teológica: para onde vamos?”

Observei a variedade do entendimento por parte dos entrevistados quanto a Teologia, a educação teológica, a regulamentação do curso de Teologia no Brasil pelo Ministério da Educação (MEC), as influências dos aspectos externos sobre o curso e a expansão do ensino teológico contemporaneamente foram das mais variadas possíveis.

Quarenta por cento dos entrevistados demonstraram ser acadêmicos, quarenta por cento, demonstraram ter um viés eclesialístico pastoral e vinte por cento dos entrevistados, atestaram ser práticos de intervenção comum em suas respostas.

Quadro 5 – Análise de dados das entrevistas

Acadêmicos	Práticos de intervenção comum	Eclesiais pastorais
Adalton Deboit Tomaz	Andrea Silveira	Adriano Masiero Neto
Valdiney G. de Oliveira	Heloisa H. D. Bezerra	Tânia L. Azevedo da Silva
Dirley Soares dos Santos	Patricia Oliveira	Desiel Julio de Oliveira
José L. Brandão Neto		Elidiane Mattos Rickli
Paulo Ken Sugawara		Joanice Costanzi
Rafael de Sousa Plath		Sérgio Ricardo Saffiotti
40%	20%	40%

Fonte: acervo de dados da pesquisa (2021).

4.1 ACADÊMICOS

Os entrevistados denominados como “Acadêmicos”, deixam claro em suas respectivas experiências na qualidade de estudantes de Teologia que o conhecimento acerca dos conceitos, definições, línguas originais, bem como o processo para preparar um estudo bíblico e/ou um sermão, foram fundamentais no curso e serviram de ferramentas na área teologia e que, conseqüentemente, foram exportadas para o ministério cotidiano. Por outro lado, os “Acadêmicos” na própria resposta deixam de maneira explícita e também nas entrelinhas, a interpretação pessoal que possuem daquilo que em Teologia não é do mundo acadêmico, como falsos ensinamentos, heresias, interpretações alegóricas, dentre outros.

Os “Acadêmicos”, quase que em sua unanimidade enxergam com bons olhos a regulamentação do curso de teologia pelo MEC, e chamam a atenção para aspectos distintos, tais quais, o perigo de se ter um professor (a) ateu (ia) ou de se ter uma aula de determinada disciplina no curso de teologia que esteja debaixo da alçada de um professor que possua um entendimento doutrinário enrijecido ou ainda, um entendimento da denominação a qual pertence, caso o professor (a) em questão, esteja vinculado a uma Igreja.

Os pesquisados nesse eixo, “Acadêmicos”, afirmam que a educação teológica e a Igreja do século XXI possuem identidades diferentes, ou seja, quanto a primeira questão, depende muito do (a) “vacionado”, por assim dizer. Caso seja um (a) candidato (a) mais devoto, talvez enfrentará no processo do curso certas decepções quanto a disciplinas e com o (s) docente (s) responsável pela tal; em razão do (a) candidato (a) ter uma visão espiritualizada sobre o curso e sobre determinadas disciplinas, pode até mesmo desistir em continuar estudando teologia. Isso, por seu turno, irá refletir na Igreja, ou seja, haverá pessoas na Igreja mais

racionais e outras mais espirituais.

Entendemos que isso já existe e sempre existiu, mas o que os “Acadêmicos” registram, é que doravante, e até em razão da Teologia compor o cenário de curso reconhecido pelo Ministério da Educação, compreenderá uma separação cada vez maior no decorrer do tempo. Para os “Acadêmicos”, a teologia não sofre muita influência do entorno (contexto cultural ou midiático), e o que a instiga, se desfaz pelo tempo. A teologia supera essas influências porque sua base é resistente e vem das Escrituras Sagradas.

Por fim, os “Acadêmicos” afirmam não haver muitos limites para a expansão do ensino teológico e conseqüentemente, da educação teológica doravante, mas concordam entre si, que tal expansão está ligada ao relativismo visto que, novamente, estará ligada ao estudante. Se for um estudante que quer apenas um título acadêmico, será fácil de alcançar, mas se for um estudante que quer cursar teologia por vocação, possivelmente esse estudante enfrentará algumas crises internas para cumprir com sua jornada.

As fronteiras foram abertas com o advento da modalidade remota, e, se por um lado isso facilita, por outro lado, isso demanda um desafio individual para o aluno. Ainda não há uma resposta fechada para esse debate.

4.2 PRÁTICOS DE INTERVENÇÃO COMUM

Os entrevistados que se coadunam com o núcleo denominado “Práticos de Intervenção Comum”, demonstraram em suas respostas bem como na entrevista, percepções de tendência aplicada no comportamento de terceiros, na sociedade comum, portanto, o aprendizado no curso de teologia foi um dispositivo que os capacitou para fazê-los (as) enxergar o homem inserido na sociedade e como os modismos, a tecnologia, seus valores e objetivos os colocam em um estado dúbio e, portanto, somente o evangelho pode leva-lo (a) para junto de Deus, por meio de Cristo.

Os (as) integrantes deste núcleo são práticos e entendem que a mensagem do evangelho pregada nas Igrejas ou de maneira virtual por meio da internet – redes sociais, deve tocar o coração do ouvinte para que o mesmo mude de rumo e seja, dessa maneira um homem melhor, uma mulher melhor (intervenção comum). Em suas respostas, verificamos também que existe certa preocupação nos elementos do

presente núcleo sobre elaborar estratégias de como alcançar as pessoas do século XXI e, aí, entra o papel da Igreja do século XXI, que em tantos momentos, se vê cercada pelos modismos e tecnologia exacerbada, com valores próprios e objetivos extra espiritual.

Algo que ficou claro aos componentes deste núcleo, foi certo “abandono” a academia propriamente dita, visto que responderam e verbalizaram quanto as prioridades, a saber: levar uma mensagem que faça sentido para os que ouvem independentemente do momento que esta pessoa está passando. Por isso são conhecidos nesta pesquisa como práticos e que dirigem seus ministérios a uma intervenção na vida do homem hodierno para que o mesmo seja em tudo tocado e se torne alguém melhor em tudo o que faz (comum).

Por fim, elementos do presente núcleo, são assertivos quanto aos limites e expansão do ensino da teologia daqui por diante. Afirmam que possivelmente, não haverá nenhuma dificuldade para a teologia irromper fronteiras, pois, a teologia traz em seu bojo a Palavra de Deus, e, é essa Palavra que o homem precisa – mais uma vez, deixam claro que são práticos. Destarte, observei que os elementos deste núcleo são ativos, funcionais e dinâmicos em seus ministérios.

4.3 ECLESIAÍSTICOS PASTORAIS

Os entrevistados que correspondem ao terceiro e último núcleo na presente pesquisa denominado “Eclesiásticos Pastorais”, demonstraram em suas respostas do questionário e explicação na entrevista que o resultado de seus estudos dentro do curso de teologia teve uma perspectiva voltada para a Igreja e de característica pastoral.

No levantamento, pudemos observar que a evangelização, o aconselhamento, a vida devocional e certa preocupação com a salvação das pessoas veem em primeiro plano. Os elementos deste núcleo, noutras palavras, sustentam que toda a experiência como acadêmicos de teologia e o conhecimento adquirido no período, é um recurso de extrema importância para se proceder com confiança e credibilidade no ministério pastoral. Interessante, que até mesmo quem não exerce o ministério em tempo integral ou simplesmente não exerce o ministério de maneira nenhuma admite que os conhecimentos adquiridos durante o curso de teologia causaram isso para si. De certa forma, reconhecem que docentes da “velha

guarda”, por assim dizer, possuem muito mais bagagem do que os docentes com formação mais recente, e, isto, é resultado da mudança do mundo de maneira generalizada.

Quando se trata da regulamentação do curso de teologia pelo MEC, os elementos deste núcleo, não de maneira unânime, mas a maioria, afirmam que outras disciplinas de outras ciências dentro da área de humanas que foram agregadas nas matrizes do curso de teologia, puderam enriquecer o curso como um todo e que faz toda a diferença do ponto de vista acadêmico. Quanto a educação teológica e a Igreja do século XXI, os componentes do núcleo ressaltam que se por um lado foi bom e teve ganhos, por outro lado, teve perdas em virtude do desinteresse pelos livros e pela escuta dos professores em substituição ao imediatismo e o desprezo por explicações relevantes sobre o conhecimento teológico.

As pessoas cristãs ou não que frequentam as Igrejas no tempo presente, são esbaforidas e aceleradas e não permitem, em muitas ocasiões que a mensagem do evangelho adentre seus corações, por isso, a necessidade da evangelização e pastoreamento à moda antiga – gabinete pastoral. Há muitos recursos na net que acabam concorrendo com pastores que possuem formação em teologia, e, se oferecem solução dos problemas de forma rápida e indolor, as pessoas contratam e pagam o preço para abrir o coração, porque querem alívio para suas dores.

Os entrevistados do núcleo “Eclesiásticos Pastorais” também demonstram ser práticos, mas combinam com essa prática a fé e uma mensagem que promove esperança para o ouvinte. Esta mensagem, porém, precisa ser equilibrada e extraída das Escrituras Sagradas e não de maneira aleatória (internet, livros de auto ajuda ou senso comum). Aí entra em cena o papel do pastor (a) que possui uma formação em teologia, o/a qual orientará o aconselhando em harmonia com a vontade de Deus para sua vida! Por fim, quanto ao limite e expansão no ensino da Teologia em tempos pós humano, os componentes deste núcleo afirmam que não há limites para o alcance da teológica daqui por diante e que há certo relativismo neste imbróglio, o seja, se houver interessados em se aprimorar com o conhecimento teológico e ter uma educação teológica com qualidade, está disponível de maneira bem acessível, mas, se o interessado, quiser continuar sendo leigo em seu conhecimento teológico, não poderá se queixar que não teve oportunidade, porque em pleno século XXI, não há divisas que o impeçam.

4.4 CONCLUSÕES SOBRE A PESQUISA

É fato que em vinte anos do curso de Teologia oferecido pelo Centro Universitário Filadélfia de Londrina, Paraná, Brasil, muitas coisas se verificaram em todas as frentes que integram a vida do homem. Do ponto de vista socio-político-econômico, tudo sofreu alteração nos últimos vinte anos e com a educação não foi diferente como já diagnosticado na presente pesquisa. Professores, estudantes, igrejas e a própria mensagem do evangelho pregado nos quatro cantos sofreram alteração e foram remodelados no período. Creio em um Deus que, Se movimenta pela e na história, sem, porém, transmutar Sua essência, que, a propósito, como está escrito nas Escrituras Sagradas, é “imutável” – “Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU” – Êxodo 3.14a (Antigo Testamento) - Almeida Revista e Atualizada e “Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança” – Tiago 1.17 (Novo Testamento) – Almeida Revista e Atualizada.

Deus é imutável! Essa afirmação descansa o nosso coração, pois Deus é imutável em Sua essência, caráter, atributos e em propósitos e promessas. Deus não muda! O Ser de Deus não se altera, não passa por mudanças. Ele é o mesmo ontem, hoje e será eternamente o mesmo! É o mesmo desde a eternidade. Sua essência permanece intacta. É perfeito e não precisa de mudanças para melhorar em nenhum aspecto.

No entanto, Deus está ciente das mudanças no e para o homem e consente com esse movimento e conseqüentemente mudanças observadas no e pelo tempo. Em vinte anos de teologia na UniFil, percebemos pontos de vista discordantes, irregulares e contrários o que prova nossa tese quanto as mudanças e transformações pelo tempo. Os ex alunos entrevistados tomaram rumos diferentes no decorrer do período; uns estão no ministério, outros não; uns são de tempo integral, outros parcial e outros nem integral, nem parcial; uns demonstram otimismo, outros pessimismo; uns entendem o conhecimento e a educação teológica como um empoderamento na ação social, no trabalho prático e assistencialismo, outros, compreendem o conhecimento e a educação teológica como um campo a ser explorado para o enriquecimento de estudos bíblicos, de sermões impactantes e cognição teológica profunda. Outros ainda, julgam o conhecimento e a educação teológica como um recurso indispensável para ser usado na Igreja por meio das

frentes ministeriais que formam uma denominação eclesiástica, enquanto outros, preferiram não mais frequentar a igreja e afirmam que seus estudos foram perda de tempo, refletindo dessa maneira que em algum momento tiveram grande decepção.

Todavia, todos os que por um momento discordam (o que é natural) em algumas particularidades, são uníssonos em afirmar que somente a leitura e o entendimento das Escrituras Sagradas podem transformar o homem, independentemente se é de duas décadas atrás ou do tempo presente. São unânimes em aludir as Escrituras como ‘Palavra de Deus’ que pode mudar, transformar, curar e direcionar o homem que vive debaixo das manifestações imediatistas, tecnologias de ponta e aceleradas, descobertas incríveis, mas continua e continuará vazio sem a presença de Deus como nos faz refletir a escultura do artista Albert György, chamada ‘Melancoly’, datada de 2012.

Um homem esculpido em bronze em tamanho natural. Ele está sozinho, solitário, sentado num banco de praça (Lago Genebra – Suíça) com a cabeça abaixada. Ele tem um enorme buraco no lugar do peito, deixando-o sem coração e sem espaço para o ar dos pulmões; Esta estátua é a representação do homem sem Deus: ele olha para dentro de si e não encontra nada, somente vazio, frustração, melancolia, solidão, desespero... falta sentido na vida, falta esperança, falta coragem, falta rumo... É difícil explicar Deus, mas é bem fácil explicar o vazio existencial do ser humano desnordeado que não tem Deus. (2018)¹⁰⁹

Figura 10 - ‘Melancoly’ de Albert György (2012)



Fonte: Pinterest Disponível em: <http://tiny.cc/424xtz> Acesso em: Maio 2021.

¹⁰⁹ Marco B. A melancolia da falta de Deus na existência humana. Disponível em: <http://tiny.cc/424xtz> Acesso em: Maio 2021. (p. 01).

A Igreja do século XXI precisa manter seus vínculos estreitos com a Palavra de Deus porque ela é alimento, provisão, fomento e alavanca para o homem – *“Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração”* – Hebreus 4:12 ARA.

“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” – 2 Timóteo 3:16,17 ARA.

Sem embargo, quero expor, a pergunta que compõe o título deste trabalho: “[...] Para onde vamos?”

De acordo com as informações levantadas nesta pesquisa e com as entrevistas, dos ex alunos, percebemos que há, guardadas as devidas proporções, certo otimismo concernente ao alcance da Teologia para o futuro. De maneira quase que unânime, ex alunos e professores fizeram menção sobre o ensino remoto que não conhece divisas e ultrapassa fronteiras, chegando até o lar de qualquer pessoa que se sentir vocacionada para o ministério ou simplesmente tiver desejo de conhecer a teologia de modo mais profundo e técnico. Como vimos no decorrer da pesquisa, pudemos entender que há dois lados que merecem ser avaliados neste sentido: o lado benéfico e o lado adverso.

Beneficamente, com a regulamentação do curso de teologia pelo Ministério da Educação (MEC) no Brasil, o curso “conversa” com outras vertentes dentro da área de humanas e isso amplia o conhecimento curricular do estudante, bem como lhe concede ferramentas apropriadas em seu ministério pastoral, que irão atender a evangelização em tempo e fora de tempo, o trabalho e ação social onde a Igreja está inserida ou onde a Igreja for plantada, os estudos bíblicos que poderão ser muito mais consistentes e dessa maneira, a comunidade não correrá riscos de ser ensinada por alegorias ou até mesmo preceitos heréticos e, por fim, pregações cristocêntricas que serão edificadoras a aqueles que ouvem. Portanto, podemos observar que são muitos os benefícios da regulamentação do curso de teologia pelo MEC no Brasil e não apenas por isso que está registrado, mas por tantos aspectos derivados destes.

Por outro lado, há elementos adversos como por exemplo a teologia tomar um

rumo puramente técnico e visando apenas lucros e renda, como salientou alguns dos ex alunos entrevistados e o ex professor Carlos Jeremias. É fato que se corre esse risco, mas não há o que fazer. Outro elemento adverso na leitura que faço fica por conta do curso de teologia ser ofertado como algo místico, sem compromisso com o Deus da teologia, nem tampouco com Seu plano infalível por meio do Messias. A teologia perderá seu sabor, seu propósito se assim for tratada e oferecida pela academia. Provavelmente há milhares de pessoas que desejam cursar teologia simplesmente porque pensam que à medida que vão adentrando nos conceitos, na mente dos pensadores, na história da igreja e em textos e perícopes das Escrituras Sagradas, virão com seus próprios olhos o transcendente, o metafísico e compreenderão os enigmas místicos e espirituais. Seria lamentável! A educação teológica ficará fadada ao fracasso, caso a teologia seja compreendida daqui por diante se no coração do candidato ao curso tiver somente o desejo de obter um título acadêmico para fixar na parede da sala em um quadro com moldura dourada e esse, é outro risco que se corre doravante.

Passando para considerações sobre a Igreja do século XXI, podemos observar que de fato os muitos meios de comunicação e que a “voz” e “vez” que todos possuem, tumultuaram muito não apenas a academia nos últimos vinte anos, mas também a Igreja. O que podemos notar é que a Igreja tem passado por efeitos de modismos e de certa forma por um momento de superficialidade, e, isto, talvez, pelo fato de ter muitas igrejas em todo canto. São igrejas para todos os gostos! Com ou sem usos e costumes, com grupos musicais ou com pessoas que cantam acompanhadas de playback, com líderes leigos, ou líderes capacitados, igrejas com nome e igrejas sem nome e por aí vai. Não há como mensurar o resultado disso tudo, mas creio que podemos fazer um prognóstico em afirmar que a educação teológica fica comprometida e somente o tempo indicará seus resultados.

É bom que se registre que a Teologia estuda religiões, e a pessoa que vai estudar esse campo não precisa ser religiosa, nem tampouco fazer parte de uma comunidade eclesial. Em tempos em que o curso de Teologia no Brasil é reconhecido pelo MEC, o teólogo ou profissional da Teologia pode ser até ateu ou agnóstico. Várias pessoas com essa crença seguem na área de pesquisa, cruzando religião e ciência em suas rotinas.

Porém, uma vez que o indivíduo se dispõe a estudar Teologia, deve pesar o quão receptivo e aberto a ouvir o outro acerca de suas crenças e valores religiosos.

Isso porque umas das características mais importantes para um teólogo é a capacidade de respeitar. Assim como um médico não pode julgar as escolhas do paciente, o profissional da Teologia não pode julgar a fé do outro. Outra qualidade fundamental para um teólogo, é a capacidade de se comunicar bem, interpretar a realidade e ajustar os conhecimentos religiosos ao mundo atual, de modo que seja útil a quem busca respostas espirituais. Gostar de leitura e estudar textos sagrados antigos, cheios de linguagem simbólica e aberta à interpretação, é determinante para o estudante de Teologia e como resultado, descobrir várias coisas novas e importantes para entender o comportamento humano.

De acordo com parecer CNE/CES nº 118/2009, aprovado em 6 de maio de 2009, que trata de orientações para instrução dos processos referentes ao credenciamento de novas Instituições de Educação Superior e de credenciamento institucional para cursos de bacharelado em Teologia “As teologias são sistemas de símbolos, pressupostos, valores e temas historicamente presentes nas sociedades humanas que se imbricam na cultura, na história, na subjetividade e no comportamento humano, tornando-se referência de modos específicos de significar o mundo e a vida. Elas agregam identidades e instituições e determinam grande parte de suas ações. Fazem parte da realidade social e individual, como produtos culturais passíveis de estudo, aos modos de qualquer outro fenômeno humano. O estudo das teologias ao longo do tempo, em seus aspectos contextuais, possibilita a compreensão da história da humanidade e de nosso País, suas tradições e heranças culturais, assim como os fenômenos sociais e religiosos da atualidade”. (2009)¹¹⁰

Vale lembrar que o Art. 43 da LDB, ao tratar das finalidades da educação superior, em especial em seus incisos I, III e VI, estabelece o dever de:

- I. Estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II. Incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- III. Estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais.

¹¹⁰ Brasil. parecer CNE/CES Nº: 118/2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pces118_09.pdf Acesso em: Maio 2021.

Dessa maneira, é significativo, que os cursos de graduação em Teologia, bacharelado, no País venham garantir o acesso à diversidade e à complexidade das teologias nas diferentes culturas e permitam analisá-las à luz dos diferentes momentos históricos e contextos em que se desenvolvem. Devem, ainda, garantir uma ampla formação científica e metodológica, por meio da flexibilidade curricular na área do conhecimento e interação com as áreas afins.

Por essa razão, o estudo das teologias, da área de Ciências Humanas conforme classificação CAPES/CNPq, não pode prescindir de conhecimentos das ciências humanas e sociais, da filosofia, da história, da antropologia, da sociologia, da psicologia e da biologia entre outras. Essas ciências permitem estudar o universo teológico respeitando o princípio da “exclusão da transcendência”, condição da abordagem científica, ou seja, não se trata de afirmar ou negar a veracidade das afirmações teológicas, mas, sim, estudar o modo como elas surgem, como se manifestam e como atuam nas diferentes dimensões da vida, das experiências e do conhecimento humano. O estudo da teologia deve, ainda, buscar diálogo com outras áreas científicas, possibilitando estudos interdisciplinares.

Salienta-se, outrossim, a importância do respeito à laicidade do Estado, a fim de evitar que os cursos tenham um caráter confessional, proselitista, fechados em uma única visão de mundo e de homem. Espera-se que os cursos de graduação em Teologia, bacharelado, formem teólogos críticos e reflexivos, capazes de compreender a dinâmica do fato religioso que perpassa a vida humana em suas várias dimensões.

Propõe-se que os currículos dos cursos de graduação em Teologia, bacharelado possuam eixo filosóficos, metodológicos, histórico, sócio político, linguístico e interdisciplinar.

Percebemos à vista destas coisas que a Teologia mudou e que o depoimento dos ex alunos, ex professores e professores atuais, corroboram com o que está supra exposto.

Na carta aos Hebreus, no capítulo 10, verso 38, está escrito: “todavia, o meu justo viverá pela fé; e se retroceder, nele não se compraz a minha alma”.

A primeira parte do verso, o autor faz menção sobre o justo e sobre a fé. Acerca desse versículo, João Calvino (1509 – 1564) comenta o seguinte: “os justos, Ele quer dizer que a paciência nasce da fé; e isso é verdade, pois nunca seremos capazes de realizar nossas competições a menos que sejamos sustentados pela fé,

mesmo que, por outro lado, haja noutra parte das Escrituras, a declaração que nossa vitória sobre o mundo é pela fé. É pela fé que subimos ao alto; que saltamos sobre todos os perigos desta vida presente, e todas as suas misérias e problemas; que possuímos uma posição tranquila no meio de tempestades e tempestades. Então o apóstolo anunciou esta verdade, que todos os que são contados diante de Deus não vivem de outra maneira senão pela fé. E o tempo futuro do verbo ao vivo, prova a perpetuidade desta vida”. (2013)¹¹¹

Creemos que há futuro para a teologia e para a educação teológica porque a fé deve ser a mola propulsora para continuarmos estudando acerca dos mistérios de Deus e nos qualificando para o exercício ministerial em tempo e fora de tempo. Não importa que rumo o mundo venha tomar, o que realmente importa, é o que faremos dentro do movimento e mutação natural das frentes da vida. Com certeza, com olhos postos em Cristo, tendo a fé como principal bandeira, prosseguiremos rumo ao alvo, “... *pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus*” (Filipenses 3.14 ARA).

111 Hebreus. Série Comentários Bíblicos por João Calvino. São José dos Campos, Fiel, 2013. (p. 348).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais, a avaliação que chegamos sobre a presente pesquisa é das mais positivas. Em duas décadas, Curso de Teologia da UniFil apresentou por proposta pedagógica e metodológica a construção de uma formação e currículo teológico visando uma educação teológica com viés prático e que venha de encontro as necessidades da sociedade. Apuramos também que em vinte anos, houve mudanças terminantes na teologia e conseqüentemente na educação teológica. Não ignoramos as dificuldades enfrentadas pelos cristãos que já não se sentem motivados a permanecer professando uma religião que perdeu os atrativos para o homem imerso num mundo laicizado como pudemos observar e, que busca exclusivamente na razão explicações para a vida. Há uma frase célebre proferida pelo teólogo católico Karl Rahner (1904-1984), a saber: “O cristão do século XXI ou será místico ou não será cristão. Desde que não se entenda por mística fenômenos parapsicológicos raros, mas uma experiência de Deus autêntica, que brota do interior da existência”. (1983)¹¹²

Ocorre, hoje, uma verdadeira degradação semântica do termo mística, associando-lhe a eventos absolutamente alheios a qualquer referência religiosa. Entretanto, “místico” é a firme crença numa doutrina religiosa; é um estado espiritual com o divino, o sobrenatural. A mística cristã caiu vítima do racionalismo dos nossos dias, sendo silenciada por pertencer ao departamento dos sentimentos, do subjetivo, da irracionalidade, do campo das emoções. Foi silenciada, ainda, por uma sociedade que está vazia de sentido e de valores, centrada no indivíduo, no prazer, na satisfação rápida dos desejos e no materialismo capitalista. A mística cristã é um movimento que parece brotar de nossos desejos, de nossa busca de Deus, do esforço humano de querer encontrar-se com um Deus à nossa disposição. Entendemos que Deus nos amou primeiro, portanto, um Deus que se dá a nós por puro amor, é justamente o encontro com a Pessoa Divina que vem até nós. Estar atentos a qualquer sussurro dessa presença para captar esse estar de Deus em nós é o que devemos buscar.

112 Karl R. Experience of the Holy Spirit. Theological Investigations. New York: Crossroad, 1983, (p.189).

Com essa perspectiva, que venham outros vinte anos para o Curso de Teologia da UniFil e que tantos (as) outros (as) estudantes estejam se engajando nesse projeto de intensa busca e aprimoramento. Se nos últimos vinte anos, o Curso de Teologia da UniFil sempre buscou formar profissionais engajados para suprir o crescente campo da atividade religiosa e a partir do atual cenário na educação, torna-se imprescindível que, nos vinte anos vindouros, o Curso de Teologia continue dando respaldo teórico e prático para acadêmicos (as), bem como todos (as) aqueles (as) que querem fazer parte de uma geração que muda o mundo.

REFERÊNCIAS

BERTANHA, Marco. **A melancolia da falta de Deus na existência humana**. Disponível em: <http://tiny.cc/424xtz> Acesso em: Maio 2021.

BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo libertador**: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. Petrópolis, Vozes, 1972.

BORGES, Inês Augusto. **Educação e personalidade**: a dimensão sócia histórica da educação cristã. São Paulo: Mackenzie, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Cursos de Teologia**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12877-cursos-de-teologia> Acesso em: Nov. 2020.

CARNEGIE, Andrew. **The Autobiography of Andrew Carnegie and The Gospel of Wealth**. Penguin Books, 2007.

CARTA Primera de San Clemente a los Corintios. In: Padres Apostólicos. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1965.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação de professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014.

COLÉGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA. **Cânones da Igreja Metodista 2007**. São Paulo: Editora Cedro, 2007.

COMUNIDAD LATINOMAERICANA DE BERNARD LONERGAN. **Obras Principais**. 2013. Disponível em: <http://www.lonerganlat.org/obras-principales-delonergan/> Acesso em: Nov. 2020.

CRAHNER, Karl. **Experience of the Holy Spirit**. Theological Investigations. New York: Crossroad, 1983.

DEMO, Pedro. **Equívocos da educação**. 2007. Disponível em: <http://pedrodemo.blog.uol.com.br> Acesso em: Nov. 2020.

DIAS, Silas Barbosa. **A contribution to teaching living theology in Brazil**. 2014. Tese PHD Theology Universiteit, Amsterdam, 2014.

FALLON, Daniel. **The German University**. Boulder: Colorado Assoc. University Press, 1980.

FARLEY, Edward. Interpreting Situations: An Inquiry in the Nature of Practical Theology. In: MIDGE, Lewis S.; POLING, James N. (eds.). **Formation and Reflection: The Promise of Practical Theology**. Philadelphia: Fortress, 1987.

FARLEY, Edward. **The Fragility of Knowledge: Theological Education in the Church and the University**. Fortress Press, 1988.

FARLEY, Edward. **Theologia: The Fragmentation and Unity of Theological Education**. Philadelphia: Fortress Press. 1983.

FARLEY, Edward. Theology and Practice Outside the Clerical Paradigm. In: BROWNING, Don S. (ed.). **Practical Theology: The Emerging Field in Theology, Church, and World**. San Francisco: Harper & Row, 1983.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Petrópolis, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Um legado de Esperança**. São Paulo: Cortez, 2001.

GANDHI, M. K. **Basic Education**. Bharatan Kumarappa, ed. Ahmedabad: Navjivan, 1951.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. **A consciência histórico-hermenêutica na teologia contemporânea**. São Leopoldo: Usininos, 2008.

GONZÁLEZ, Justo L. **Cultura & Evangelho: o lugar da cultura no plano de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2011.

HAMMES, Érico João. **Pode Teologia ser Ciência**. Teocomunicação, Porto Alegre, 2006.

HEBREUS. Série Comentários Bíblicos por João Calvino. São José dos Campos, Fiel, 2013.

JAEGER, Early. Christianity and Greek Paideia. Cambridge: Harvard University Press, 1961.

KANT, Immanuel. **A Religião dentro dos limites da simples razão**. São Paulo: Abril Cultural; 1980.

KANT, Immanuel. **A religião dentro dos limites da simples razão**. Trad Tânia Maria Bernkopf. São Paulo: Abril Cultural; 1980.

KANT, Immanuel. Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita.

São Paulo: Martins Fontes; 2003.

KANT, Immanuel. Sobre a Pedagogia. Piracicaba: Editora Unimep; 1996.

KELSEY, David; WEIGLE, Luther A. **Between Athens and Berlin**: the theological education debate. Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1993.

LADD, George E. O Evangelho do Reino. São Paulo: Shedd, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LEWIN, Kurt. **Teoria de Campo em ciência social**. São Paulo: Pioneira, 1963.

LONERGAN, Bernard. **Insight**: um estudo do conhecimento humano. Tradução de Mendo Castro Henriques e Artur Mourão. Brasil. É realizações. 2010.

LONERGAN, Bernard. **Método em teologia**. São Paulo: É Realizações, 2012.

MATOS, Alderi. **Fundamentos da Teologia Histórica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

NODARI, PC. A noção da boa vontade em Kant. IN: **Revista Portuguesa de Filosofia**, v. 61, n. 2, p. 533-558. 2005.

OLIVEIRA, M. N. A educação na ética kantiana. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 3, p. 447-460. Set./De., 2004.

PEREIRA, Beatriz Quaglia. A educação segundo Platão: uma discussão sobre processos de aprender e ensinar a virtude. IN: VI EDUCERE - Congresso Nacional de Educação da PUCPR. 2006. **Anais...** Curitiba, 2006.

PETRY, André. **Lembra-te de Darwin**. Veja São Paulo, 4 fev. 2009.

RAHNER, Karl. **Experience of the Holy Spirit**. Theological Investigations. New York: Crossroad, 1983.

ROHDEN, V. **Interesse da razão e liberdade**. São Paulo: Ática; 1981.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do Contrato Social. São Paulo. Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores)

SCHIPANI, Daniel S. **El reino de Dios y el ministerio educativo de la iglesia: fundamentos y principios de educación cristiana**. Miami: Caribe, 1983.

SCHIPANI, Daniel S. **El Reino de Dios y el ministerio educativo de la iglesia: fundamentos y principios de educación cristiana**. México: Editorial Caribe, 1983.

SCHIPANI, Daniel, **Orientação existencial do adolescente**. São Paulo, Imprensa Metodista, 1973.

SCHNEEWIND JB. **A invenção da autonomia**: uma história da filosofia moral moderna. São Leopoldo: Unisinos; 2001.

TOSCANO, Moema. **Introdução a Sociologia Educacional**. Petrópolis: Vozes, 2001.

VEN, Johannes Van Der. The Empirical Approach in Practical Theology. In: SCHWEITZER, Friedrich; VEN, Johannes Van Der (eds.). **Practical Theology: International Perspectives**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1999.

WHEELER, Barbara G. Introduction. In: WHEELER, Barbara G.; FARLEY, Edward [eds.]. **Shifting Boundaries**: Contextual Approaches to the Structure of Theological Education. Louisville: Westminster John Knox, 1991.

ZINGANO, M. **Razão e história em Kant**. São Paulo: Brasiliense; 1989.



VINTE ANOS DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA:
PARA ONDE VAMOS?